

# Ministério

NOV-DEZ • 2022

Uma revista para pastores e líderes de igreja



Exemplar avulso: R\$ 18,15

00564

ISSN 2236-7071

9 5772236707107



## “IGREJA, NÃO! JESUS? TALVEZ”

O desafio de alcançar o grupo crescente de pessoas sem filiação religiosa

Evidências a favor da autoria paulina de Hebreus + A relação entre *Sola Scriptura* e os escritos de Ellen White  
Chegando bem à aposentadoria + Davi como rei-pastor + Liderança, saúde mental e o mundo pós-pandemia



# Chegou O NOVO HINÁRIO



CONFIRA TODAS AS VERSÕES NO SITE:  
[www.novohinario.com.br](http://www.novohinario.com.br)

[cpb.com.br](http://cpb.com.br) • 0800-9790606

CPB livraria • ☎ (15) 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor 📞 (15) 3205-8910  
[atendimento@cpb.com.br](mailto:atendimento@cpb.com.br)



Baixe o  
Aplicativo CPB



    /cpbeditora



24

**10** **Construindo pontes**  
*Jolivê Chaves*  
 Estratégias para alcançar jovens sem filiação religiosa e levá-los a Cristo

**15** **Quem escreveu Hebreus?**  
*Félix Cortez*  
 Evidências sólidas a favor da autoria paulina

**18** **Autoridade inquestionável**  
*Gerhard Pfandl*  
 A relação entre o princípio *Sola Scriptura* e os escritos de Ellen White

**21** **Armadilhas do poder**  
*Saulo Cruz*  
 Reflexões sobre a experiência do rei-pastor Davi

**24** **Momento de celebrar**  
*Wagner Aragão*  
 Como estar preparado para chegar bem à aposentadoria

**28** **Tempo de crise**  
*Bruno Brunelli*  
 A liderança da igreja, a saúde mental e o mundo pós-pandemia



28

- 5 Editorial
- 7 Entrelinhas
- 8 Entrevista
- 27 Ponto a ponto
- 32 Dicas de leitura
- 35 Palavra final



15

## Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 94 – Número 564 – Nov/Dez 2022  
 Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

**Editor** Wellington Barbosa  
**Editor Associado** Nerivan Silva  
**Revisora** Rose Santos

**Projeto Gráfico** Levi Gruber  
**Capa** Arte sobre imagens do Adobe Stock

**Ministério na Internet**  
[www.revistaministerio.com.br](http://www.revistaministerio.com.br)  
[www.facebook.com/revistaministerio](https://www.facebook.com/revistaministerio)  
 Twitter: @MinisterioBRA  
 Redação: ministerio@cpb.com.br

### Conselho Editorial

Lucas Alves; Josué Espinoza; Adolfo Suarez; Marcos Blanco; Walter Steger; Pavel Goia; Jeffrey Brown; Abdoval Cavalcanti; Abimael Obando; Adrián Bentacor; Alberto Peña; Alvaro Cáceres; Antonio Funes; Carlos Sánchez; Davi França; Edilson Valiante; Edmundo Cevallos; Elieser Ramos; Everon Donato; Levino Oliveira; Ralides Nascimento; Rubén Montero

### CASA PUBLICADORA BRASILEIRA



Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia  
 Rodovia SP 127 – km 106  
 Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP

**Diretor-Geral** Edson Erthal de Medeiros  
**Diretor Financeiro** Uilson Garcia  
**Redator-Chefe** Marcos De Benedicto  
**Chefe de Arte** Marcelo de Souza

### SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06  
 Segunda a quinta, das 8h às 20h  
 Sexta, das 7h30 às 15h45  
 Domingo, das 8h30 às 14h  
 Site: [www.cpb.com.br](http://www.cpb.com.br)  
 E-mail: [sac@cpb.com.br](mailto:sac@cpb.com.br)

Assinatura: R\$ 88,30  
 Exemplar Avulso: R\$ 18,15



**alor**  
 ASSOCIADOS  
 LITERÁRIOS

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sejam impressos, eletrônicos, fotográficos ou sonoros, entre outros, *sem prévia autorização por escrito* da editora.

# Contribua para a **Ministério**

A revista *Ministério* é um periódico internacional editado e publicado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira, sob supervisão da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A publicação é dirigida a pastores e líderes cristãos.



## Orientações aos escritores

Procuramos contribuições que representem a diversidade ministerial da América do Sul. Diante da variedade de nosso público, utilize palavras, ilustrações e conceitos que possam ser compreendidos de maneira ampla.

A *Ministério* é uma revista *peer-review*. Isso significa que os manuscritos, além de serem avaliados pelos editores, poderão ser encaminhados a outros especialistas sobre o tema que seu artigo aborda.



## Áreas de interesse

- Crescimento espiritual do ministro.
- Necessidades pessoais do ministro.
- Ministério em equipe (pastor-esposa) e relacionamentos.
- Necessidades da família pastoral.
- Habilidades e necessidades pastorais, como administração do tempo, pregação, evangelismo, crescimento de igreja, treinamento de voluntários, aconselhamento, resolução de conflitos,

- educação contínua, administração da igreja, cuidado dos membros e assuntos relacionados.
- Estudos teológicos que exploram temas sob uma perspectiva bíblica, histórica ou sistemática.
- Liturgia e temas relacionados, como música, liderança do culto e planejamento.
- Assuntos atuais relevantes para a igreja.



## Tamanho

- Seções de uma página: até 4 mil caracteres com espaço.
- Artigos de duas páginas: até 7,5 mil caracteres com espaço.

- Artigos de três páginas: até 11,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos solicitados pela revista poderão ter mais páginas, de acordo com a orientação dos editores.

## Estilo e apresentação

- Certifique-se de que seu artigo se concentra no assunto. Escreva de maneira que o texto possa ser facilmente lido e entendido, à medida que avança para a conclusão.
- Identifique a versão da Bíblia que você usa e inclua essa informação no texto. De forma geral, recomendamos a versão Nova Almeida Atualizada.
- Ao fazer citações bibliográficas, insira notas de fim de texto (não notas de rodapé) com referência completa. Use algarismos arábicos (1, 2, 3).

- Utilize a fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5, justificado.
- Informe no cabeçalho: Área do conhecimento teológico (Teologia, Ética, Exegese, etc.), título do artigo, nome completo, graduação e atividade atual.
- Envie seu texto para: [ministerio@cpb.com.br](mailto:ministerio@cpb.com.br). Não se esqueça de mandar uma foto de perfil em alta resolução para identificação na matéria.



# DE VOLTA ÀS ORIGENS

**N**o último censo realizado no Brasil, em 2010, eles eram 15,3 milhões. Certamente, este ano já ultrapassaram a marca dos 16 milhões. Entre os jovens de 16 a 24 anos, estima-se que 25% façam parte desse grupo. Embora faltem dados estatísticos, é provável que os índices não sejam tão diferentes nos grandes centros populacionais dos demais países da América do Sul. Se for assim, estamos diante de números expressivos que indicam o tamanho do desafio que a igreja tem para alcançá-los. Alguns os chamam de desigrejados, outros preferem chamá-los de pessoas sem filiação religiosa ou sem religião. Enfim, trata-se de uma fatia crescente da sociedade que não está vinculada a uma instituição religiosa.

São muitas as causas para o fenômeno, que certamente foi acentuado pela pandemia. Mentalidade pós-moderna, pluralidade religiosa no lar, frustração com líderes ou comunidades cristãs, decepção quanto à postura das organizações religiosas em relação a causas sociais e políticas, entre outras, ajudam a entender o motivo pelo qual pessoas estão escolhendo se manter longe da igreja, ainda que boa parte delas nutra interesse pela espiritualidade e por muitos valores apresentados por Jesus, como honestidade, compaixão, fraternidade, justiça e amor.

James Emery White, reconhecido especialista no fenômeno dos sem religião, considera a possibilidade de que esse movimento seja uma “sementeira de renovação” para a igreja cristã (*The Rise of Nones*, p. 133). De fato, as crises ao longo da história sempre trouxeram consigo oportunidades para o crescimento. Não se pode pensar de maneira diferente em relação aos desigrejados.

É interessante observar que a maior parte desse grupo não rejeita a existência de Deus, mas tem dificuldade em aceitar que alguns discursos, estruturas e práticas feitos em nome de Deus correspondam à vontade Dele. De certa maneira, isso é compreensível, à medida que conceitos ou atitudes reprováveis de professores líderes e membros de diferentes denominações se tornam públicos e são repetidos à exaustão nos meios de comunicação. Para uma

Parte significativa das pessoas sem filiação religiosa está em busca de uma vivência de fé que seja transparente, coerente e significativa.

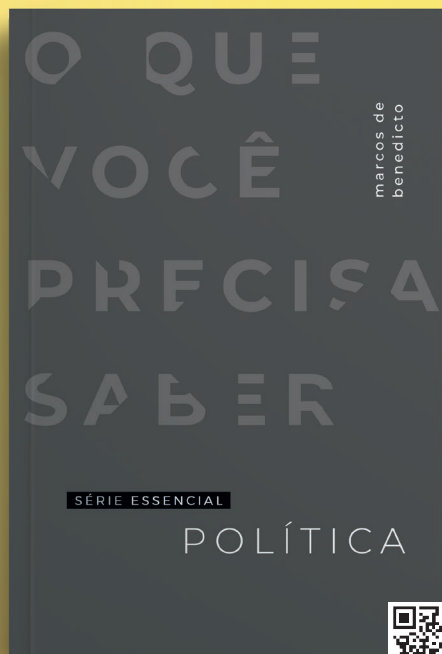
geração sedenta por autenticidade e coerência, a lógica é simples: “Se isso for ser cristão, então estou fora!”

Em essência, parte significativa das pessoas sem filiação religiosa está em busca de uma vivência de fé que seja transparente, coerente, significativa e faça a diferença em um mundo marcado por injustiça, sofrimento e hipocrisia. Ellen White fez uma observação que dialoga com essa expectativa, ao dizer: “Os incrédulos têm direito de esperar que os que professam observar os mandamentos de Deus e ter a fé de Jesus façam muito mais que qualquer outra classe para promover e honrar mediante sua vida coerente, seu exemplo piedoso e sua influência ativa a causa que representam” (*Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 122). O problema, segundo ela, é que muitas vezes, “os professos defensores da verdade têm se demonstrado o maior entrave para seu progresso” (ibid.).

Diante desse cenário, a solução proposta é “um reavivamento da verdadeira piedade entre nós” (ibid., p. 121). Resguardadas as devidas proporções, o contexto social em que nos encontramos tem algumas semelhanças com aquele enfrentado pela igreja apostólica, e a maneira como os discípulos de Cristo encararam o desafio serve de modelo para nós. A comunidade cristã era fraterna, solidária, efetiva e amável (At 2:42-47), e isso impactou não somente a Palestina, mas todo o mundo conhecido (At 17:6). Esse testemunho dinâmico e convincente dos seguidores de Jesus abriu caminho para que a Palavra fosse pregada em sua inteireza até mesmo para os pagãos, resultando no crescimento explosivo do cristianismo. O Espírito que esteve à frente da missão naqueles dias está disposto a fazer o mesmo hoje. Contudo, nós realmente acreditamos nisso? Estamos preparados, de fato, para viver esse reavivamento? **IM**



**WELLINGTON BARBOSA**  
editor da revista  
Ministério



# VOCÊ PODE APRENDER

— mais —

A *Série Essencial* foi idealizada para oferecer uma introdução aos temas mais discutidos da atualidade.



MKT CPB - Adobe Stock

[cpb.com.br](http://cpb.com.br) • 0800-9790606

CPB livraria •  (15) 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor  (15) 3205-8910  
[atendimento@cpb.com.br](mailto:atendimento@cpb.com.br)



Baixe o Aplicativo CPB  



    /cpbeditora

# PERIGO À VISTA

Entre as atuais correntes de pensamento que influenciam cultura e religião, há uma que tem ganhado adeptos com a possibilidade de se tornar dominante. A frase “crer sem pertencer” descreve a acentuada tendência de muitas pessoas que se declaram espirituais, mas não querem ser parte de uma religião organizada. Outros definitivamente escolheram glorificar a razão humana e celebrar a suposta libertação das cadeias enferrujadas da religiosidade que, a seu parecer, até recentemente impediam a humanidade de dirigir seu próprio destino.

Paulo escreveu duas vezes a seu discípulo Timóteo sobre o futuro hostil que a fé cristã enfrentaria (1Tm 4:1-3; 2Tm 3:1-5). A lista presente em sua segunda epístola apresenta as qualidades imorais e antirreligiosas que caracterizariam as pessoas da última fase da história. A descrição é dramática! Algumas das características mencionadas pelo apóstolo são a *impiedade* e a *aparência* de piedade.

A impiedade, ou irreligiosidade, se caracteriza pela eliminação de Deus do pensamento e da conduta. O resultado inevitável dessa postura é o abandono da fé, a rebelião contra Deus e o desprezo pelo evangelho. Além disso, mantém os incrédulos em rebelião e leva outros à indiferença ou a ser inimigos da verdade. Paulo afirmou que essa atitude prevalecente na sociedade do tempo do fim constituiria um perigo para a igreja.

Por outro lado, a aparência de piedade, ou a falta de genuína religiosidade, indica não a renúncia aberta às crenças ou práticas religiosas, mas a identificação superficial com o evangelho de Cristo. Essa conduta é caracterizada por focalizar questões periféricas, não a essência da religião. Essa inconsistência não tem efeitos reais na transformação pessoal e, por sua vez, compromete drasticamente o desenvolvimento da igreja. A dissonância produzida por essa situação provoca uma atitude de rejeição por parte dos

A religião verdadeira demanda primeiramente crer, mas também a transformação do ser e, como resultado, o fazer.

descrentes que os afasta do cristianismo. Ademais, essa tendência pode se apresentar de maneira quase imperceptível dentro da comunidade cristã.

A rejeição aberta à religião, assim como sua prática superficial, abarcam perigos que muitas vezes não dimensionamos. Essas duas tendências caracterizam nosso tempo. A primeira identifica principalmente a condição da sociedade que temos o desafio de alcançar; a segunda se apresenta como uma ameaça significativa dentro da igreja. Não são poucos os que se conformam com uma aproximação intelectual ou um apego emocional ao evangelho, mas não se deixam envolver com a verdade que transforma. Carecem de uma clara identidade espiritual e evitam o compromisso com a igreja e sua missão. Não se esforçam por compreender que a religião verdadeira demanda primeiramente *crer*, mas também a transformação do *ser e*, como resultado, o *fazer*, em um nível de coerência que só o poder do evangelho pode alcançar.

Somente o Espírito Santo, que esquadrinha o coração, pode nos convencer do pecado e da justiça. Ele pode nos livrar da impiedade e da aparência de piedade com seu perigo velado. Só Ele pode nos tornar conscientes de nossa verdadeira necessidade e nos transformar para viver uma vida plena ao lado de Cristo. Permitamos que o Senhor realize diariamente Sua obra transformadora em nós e nos mantenha fiéis para realizar um ministério eficaz. Que o Espírito da verdade nos faça permanecer lúcidos e alertas diante dos riscos que existem em nosso tempo. Dessa forma, seremos os verdadeiros atalaias de que a igreja necessita neste momento decisivo. **M**



**JOSUÉ ESPINOZA**  
secretário ministerial  
associado para a Igreja  
Adventista na América do Sul

# VIDA EM RISCO



Ano após ano, o número de vítimas da depressão tem aumentado consideravelmente. De acordo com a Organização Panamericana de Saúde, estima-se que a doença atinja 300 milhões de pessoas. Em estágios críticos, a depressão pode levar o doente ao suicídio. Infelizmente, esse é o desfecho de 800 mil casos anualmente.

Nesta entrevista, o pastor e psicólogo **Abdoral Cintra** esclarece pontos importantes acerca de como os líderes religiosos podem ajudar membros da igreja que enfrentam pensamentos suicidas. Formado em Teologia e Psicologia, ele trabalhou por 36 anos em várias funções da Igreja Adventista. Foi pastor distrital, departamental e presidente de Campo nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste do Brasil. Casado com Solange Cintra, também graduada em Teologia e Psicologia, o casal tem três filhos e três netas. Atualmente, o pastor Abdoral e sua esposa residem em Hortolândia, onde atendem em um consultório de psicologia.

Não falar sobre o suicídio pode ter um efeito tão devastador quanto falar de maneira inadequada. Portanto, quanto maior o silêncio ou segredo em torno de um assunto tabu, pior para quem lida com ele.

## De que maneira é possível aprofundar a discussão sobre o suicídio sem gerar gatilhos ou transtornos?

Gosto da ideia da psicóloga Karen Scavacini, coordenadora do Instituto Vita Alere de Prevenção e Posvenção do Suicídio, que diz que não falar sobre o suicídio pode ter um efeito tão devastador quanto falar de maneira inadequada. Portanto, quanto maior o silêncio ou segredo em torno de um assunto tabu, pior para quem lida com ele. Por outro lado, apenas relatar casos de suicídio também não contribui para resolver o problema. Assim, a maneira mais recomendada é trabalhar com a conscientização e instrução. É preciso combater o preconceito, desmistificar as causas do suicídio, apresentar alternativas e divulgar locais ou formas de se obter ajuda quando alguém enfrenta esse problema.

## Quais sinais indicam que uma pessoa enfrenta lutas contra o pensamento suicida?

Geralmente pessoas que pensam em se suicidar têm comportamento retraído; inabilidade para se relacionar com a família e os amigos; alguma doença psiquiátrica; problemas com alcoolismo; ansiedade ou pânico; mudança na personalidade, irritabilidade, pessimismo, depressão ou apatia; mudanças nos hábitos alimentares e de sono; histórico de tentativa de suicídio; sentimento de culpa, solidão, autodesvalorização e vergonha; casos de suicídio na família; desejo súbito de concluir os afazeres pessoais, organizar documentos ou escrever um testamento; perda recente importante (morte, divórcio ou separação); doença física crônica, limitante ou



dolorosa; disposição para escrever cartas de despedida ou mencionar repetidamente temas relacionados com morte ou suicídio.

### O que fazer quando descobrimos que algum conhecido ou um amigo enfrenta pensamentos suicidas?

A Bíblia tem vários textos que nos levam a refletir sobre nossa atitude quanto às pessoas que estão passando por lutas. Por exemplo, Provérbios 17:17 diz: “O amigo ama em todo tempo, e na angústia nasce o irmão.” De fato, as amizades formam uma rede de apoio importante no auxílio a quem tem ideação suicida. Outro texto é Provérbios 24:11 e 12: “Liberte os que estão sendo levados para a morte e salve os que cambaleiam ao ser levados para a matança. Você poderá dizer: ‘Não sabíamos de nada!’ Mas será que aquele que pesa os corações não o perceberá? Aquele que atenta para a sua alma não ficará sabendo? E não pagará ele a cada um segundo as suas obras?”

Com o propósito de ajudar, algumas pessoas têm abordagens inadequadas e que prejudicam. Por isso, antes de falar sobre o que fazer, gostaria de destacar o que não se deve fazer: julgar, criticar, repreender, dizer que a pessoa está ficando louca, afirmar que é fraqueza espiritual ou tentar diminuir a dor que ela sente.

Por outro lado, ao ouvir uma pessoa fazer comentários negativos sobre a vida, dispense atenção e acolhimento. Procure um lugar adequado para uma conversa tranquila e esteja disponível emocionalmente para ouvi-la. Escute com atenção, trate-a com respeito, seja empático com as emoções e tenha cuidado com o sigilo. Focalize nos sentimentos da pessoa. Essas atitudes são importantíssimas para reduzir o nível de desespero suicida.

### Como a igreja pode se tornar um lugar de acolhimento efetivo?

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), 90% dos casos de suicídio poderiam ser evitados se os sinais claros de pedido de ajuda fossem identificados em tempo, e as pessoas tivessem o encaminhamento adequado para tratar seus problemas emocionais. Além disso, um dos aspectos mais importantes na prevenção ao suicídio é ajudar quem enfrenta esse problema a encontrar sentido para a vida. E a igreja tem um papel singular quanto a isso.


## A igreja deve ser um espaço de acolhimento e esperança, a fim de que a pessoa exponha o que está sentindo e seja orientada ao tratamento.

Segundo o psiquiatra Ricardo Falavigna, “ter um sentido para a vida é o que permite ao ser humano passar por crises sem evoluir para um processo auto-destrutivo”. Contudo, sozinho, é difícil alguém imerso em problemas complexos reencontrar o propósito da existência. A igreja deve ser um espaço de acolhimento e esperança, a fim de que a pessoa exponha o que está sentindo e seja orientada ao tratamento. A Igreja Adventista tem projetos interessantes relacionados ao tema, como o Quebrando o Silêncio e o Ouvido Amigo.

### Líderes religiosos não estão imunes a crises emocionais. O que o senhor diria para um pastor que luta contra pensamentos suicidas?

Certamente, líderes religiosos não estão imunes a crises emocionais. O profeta Elias (1Rs 19), por exemplo, teve uma experiência espiritual vibrante, a ponto de pedir fogo do Céu e ser atendido de imediato, mas em seguida passou por uma crise emocional que o levou a fugir com medo, isolar-se e desejar a morte.

Quando um pastor enfrenta pensamentos suicidas deve, em primeiro lugar, procurar ajuda. Pensar em suicídio não significa que a pessoa vai concretizá-lo, mas é um sinal de alerta. A ideação suicida é multifatorial. Ellen White, no livro *A Ciência do Bom Viver*, afirmou: “Desgosto, ansiedade, descontentamento, remorso, culpa, desconfiança, tudo isso tende a consumir as forças vitais e a convidar a decadência e a morte” ([CPB,2021], p. 146).

Eu recomendo que o pastor consulte um médico psiquiatra de sua confiança, faça os exames solicitados e, após o diagnóstico, siga rigorosamente o tratamento indicado. Isso pode incluir recursos como psicoterapia, terapia familiar, medicamentos, mudanças no estilo de vida e práticas de saúde, entre outros. Lembre-se de que “o ânimo, a esperança, a fé, a compaixão e o amor promovem a saúde e prolongam a vida” (ibid.). 

# CONSTRUINDO PONTES

Estratégias para alcançar  
jovens sem filiação religiosa  
e levá-los a Cristo

Jolivê Chaves



Foto: Adobe Stock

O processo de secularização nas sociedades contemporâneas tem sido latente e deliberado. O aspecto latente pode ser observado em diversos subsistemas, como economia, educação e medicina, nos quais a especialização e o profissionalismo diminuíram gradativamente a influência da religião. Simultaneamente, políticas deliberadas foram criadas para reduzir a influência religiosa em áreas específicas, como o governo e a educação.

Historicamente, a previsão do enfraquecimento da religião foi cumprida em três aspectos: (1) a religião institucional mudou do centro para a periferia das sociedades, enquanto os governos se tornaram seculares e apoiadores da liberdade religiosa; (2) o monopólio da cosmovisão passou das instituições religiosas para a ciência; e (3) os símbolos e sinais das instituições religiosas continuam perdendo relevância.<sup>1</sup> Ao mesmo tempo, o processo histórico também mostrou que a previsão do desaparecimento da religião não se cumpriu. A religião não apenas persistiu, mas em muitos casos cresceu e assumiu um papel de liderança nas sociedades globalizadas atuais.

Nessa dinâmica, alguns elementos ajudam a entender o processo de secularização: (1) desapontamento com a religião; (2) enfraquecimento da influência pública da religião e atitude negativa em relação às instituições religiosas; (3) pluralismo

religioso, relativização do conteúdo da fé, sincretismo e atitude de crer sem pertencer a uma comunidade religiosa; (4) natureza mutável e permanente da religião; (5) pessoas que defendem tanto os valores modernos quanto os princípios de fé; e (6) influência dos avanços tecnológicos e da comunicação de massa.

Como reflexo dessa sociedade secularizada, o número de pessoas sem filiação religiosa tem crescido gradualmente, tornando-se um desafio à parte para o cumprimento da missão adventista. O propósito deste artigo é compreender melhor esse segmento no Brasil e sugerir princípios para abordar esse grupo e guiá-lo a uma experiência salvífica com Cristo.

### Panorama dos sem religião

Estudos contemporâneos têm apontado duas características do Brasil que são significativas para a compreensão da religião no país. A primeira é a pluralidade religiosa, especialmente nos grandes centros urbanos, que se manifesta por meio do marketing religioso altamente competitivo, sincrético e sem limites rígidos de pertencimento.<sup>2</sup> A segunda é a transição da hegemonia religiosa do catolicismo para o protestantismo, que deve ocorrer nas próximas duas décadas.

Dessa forma, se essa tendência continuar, o número de católicos cairá acentuadamente, enquanto o número de protestantes e sem religião crescerá, com um pequeno aumento no número de adeptos entre as religiões não cristãs. Enquanto os católicos caíram de 95,2% para 65% da população brasileira entre 1940 e 2010, os protestantes cresceram de 1,9% para 22,16%, e os sem religião passaram de 0,2% para 8,04% no mesmo período. Outras religiões saltaram de 1,9% para 4,76%. Em pesquisa feita em 2016, o índice de pessoas sem filiação religiosa alcançou 14%.<sup>3</sup>

De fato, o crescimento médio da população sem religião tem sido continuamente superior ao da população brasileira.<sup>4</sup> Eles são o terceiro maior grupo no campo religioso, atrás apenas de católicos e pentecostais. Além disso, estão localizados principalmente em áreas urbanas (89,5%), com maior concentração nas regiões metropolitanas e ao longo da costa brasileira. Quanto à sua percepção sobre espiritualidade, cerca de 0,8% se declaram agnósticos, 4% afirmam ser ateus, enquanto 95,2% dizem acreditar em Deus ou em uma força cósmica. Ou seja, a maioria dos brasileiros sem religião praticam alguma espiritualidade, mas estão dissociados da instituição religiosa.<sup>5</sup>



## Os não religiosos mostram uma atitude de aversão quanto à religião institucionalizada, mas alguns deles estão abertos à espiritualidade em nível individual e subjetivo.

Essa aproximação com temas espirituais permite construir pontes interessantes com os não religiosos que, se bem estabelecidas, podem se tornar o caminho para alcançá-los para Deus. A seguir, encontram-se oito áreas atrativas para esse grupo, bem como sugestões para abordá-las de maneira efetiva na evangelização.

### Identidade de Deus

A maioria dos sem religião professa crer em Deus, mas apenas uma minoria acredita Nele conforme a descrição bíblica. Portanto, é necessário adotar uma abordagem que enfatize o caráter pessoal, poderoso e amoroso do Deus bíblico.

Em primeiro lugar, a manifestação do poder de Deus como ápice de um processo no qual Ele já está atuando pode ser um passo definitivo para que alguém O aceite como Salvador. Embora um milagre divino por si só não garanta a conversão de alguém, ele pode servir para resolver dúvidas e fornecer certeza sobre a verdade e a singularidade do Senhor.

Além disso, uma abordagem que explore o foco do Novo Testamento na manifestação da “energia” divina pode ser eficaz na apresentação do evangelho aos sem religião. O termo *energia*, e seus derivados no NT, não significa que Deus seja uma força ou energia, mas aponta para a ação divina na execução do plano de salvação, que envolve todos os aspectos da vida cristã,

incluindo crescimento pessoal, missão, dons espirituais, oração, desenvolvimento da igreja, sofrimento, as Escrituras, o pecado, a graça e a fé, entre outros.<sup>6</sup>

Uma abordagem puramente racional e cognitiva que negligencia essa noção de “energia” de Deus pode ser percebida como fria e distante pelos não religiosos.<sup>7</sup>

Finalmente, é importante apresentar Jesus como a revelação perfeita de Deus. Uma das declarações bíblicas mais contundentes de Cristo é encontrada em João 10:30: “Eu e o Pai somos um.” Ao fazer essa afirmação, Ele não estava apenas defendendo Sua origem divina, mas também afirmando ser a revelação perfeita de Deus. Ao simpatizar com as multidões e curá-las (Mt 14:14); ao evangelizar os pobres e libertar os oprimidos (Lc 4:18-19); e ao dar a vida para salvar os pecadores, Jesus revelou o caráter do Pai. Portanto, o ministério de Cristo e Seus atributos, como humildade, autoridade, entrega, poder e justiça também podem ajudar os não religiosos a conhecer melhor o Senhor.

### A Bíblia como fonte da verdade

Sob a influência da pós-modernidade, os sem religião tendem a relativizar o conteúdo da fé, rejeitar a concepção de verdade absoluta e reduzir a verdade a um conceito pessoal. Rejeitando as metanarrativas, veem a narração de histórias em um nível local como uma fonte de verdade.<sup>8</sup> Assim, é importante que os temas bíblicos sejam apresentados aos não religiosos por meio do princípio narrativo e não como teologia sistemática. Essa abordagem está de acordo com a forma como a Bíblia foi escrita: uma coleção de histórias. Contar histórias pode despertar o interesse deles pelos temas apresentados e facilitar a compreensão ao seguir seu padrão de pensamento.<sup>9</sup>

Também é necessário que a exposição de temas bíblicos obedeça ao princípio da aplicação relacional, de modo que os sem religião entendam esses assuntos como benéficos para seu cotidiano. Além disso, deve-se manter sempre em vista o princípio da centralidade de Cristo. Jesus é o grande médico da alma, capaz de suprir as necessidades mais profundas do ser humano. Ele é Aquele que liberta, não que

| Área de interesse                | Estratégia de trabalho  |
|----------------------------------|---|
| Identidade de Deus               | Abordagem que enfatize a manifestação do poder salvador de Deus, a expressão de Sua “energia” e Jesus como a perfeita revelação divina.                       |
| A Bíblia como fonte da verdade   | Apresentação de histórias com base no princípio narrativo, de maneira relacional, aplicada e funcional.   |
| Religião institucionalizada      | Uso do “modelo do sal”, de pequenos grupos relacionais e de uma abordagem genuinamente cristã.  |
| Relacionamentos e comunidade     | Ênfase no evangelismo da amizade, no “método de Cristo” e na vida em comunhão com as pessoas.   |
| O papel social da religião       | Prática de ações solidárias e de um ministério encarnacional.   |
| Barreiras transculturais         | Emprego da contextualização crítica.  |
| Pluralidade cultural e religiosa | Utilização de diferentes abordagens.  |
| Comunicação de massa             | Presença equilibrada nas redes sociais, promoção de causas de interesse humanitário, adequação aos interesses das pessoas, abstenção de discussões políticas. |

subjuga, o que torna a mensagem atrativa para a mentalidade dos não religiosos.<sup>10</sup>

Considerando que os sem religião rejeitam a fragmentação do conhecimento e da experiência, é apropriado usar uma abordagem integral para tentar alcançá-los. Isso significa uma estratégia que abarque corpo, mente e espírito. Temas bíblicos que apontem para uma visão integral da vida podem ser cativantes para eles.

### Religião institucionalizada

Os não religiosos mostram uma atitude de aversão quanto à religião institucionalizada, mas alguns deles estão abertos à espiritualidade em nível individual e subjetivo, guiados por escolhas pessoais, sem viés institucional. São os chamados desigrejados ou “espirituais, mas não religiosos”.<sup>11</sup> O “modelo evangelístico do sal” e pequenos grupos relacionais são estratégias missionárias que podem ser efetivas no trabalho com eles. No “modelo do sal”, os membros da igreja, como discípulos, vão para o mundo onde as pessoas vivem e, como o sal, tornam o ambiente melhor com sua presença. É um modelo encarnacional. Assim como o sal se mistura com a comida e lhe dá sabor, os membros da igreja devem influenciar positivamente sua comunidade.

O princípio de pequenos grupos relacionais também é útil porque os grupos se reúnem nas casas das pessoas, e não nas igrejas, e envolvem a participação de amigos e familiares, o que também é uma barreira contra o preconceito. Um ambiente de oração, aceitação e atendimento às necessidades das pessoas pode ajudar a conquistar o interesse e a confiança dos participantes. Seguindo esse princípio, os temas de estudo devem seguir um formato relacional, aplicado à vida deles.<sup>12</sup> Além disso, o ambiente de um pequeno grupo relacional é construído para que as pessoas se sintam aceitas e incluídas. Um lugar em que elas têm a oportunidade de abrir o coração sem ser julgadas é um atrativo para os não religiosos.

### Relacionamentos e comunidade

Muitos dos sem religião acreditam que a verdade não é encontrada na igreja, na Bíblia ou na ciência, mas por intermédio de relacionamentos. Além disso, eles tendem a valorizar a humildade, honestidade e autenticidade nas relações pessoais.<sup>13</sup> Por isso, o evangelismo da amizade é uma estratégia importante de trabalho com esse grupo.

O método de Cristo, na “Se misturava com as pessoas como alguém que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por elas, ministrava-lhes às necessidades e conquistava a confiança delas. Então ordenava: ‘Siga-Me’ (Jo 21:19)”,<sup>14</sup> apela de maneira especial ao coração deles.

Além disso, os não religiosos valorizam muito o espírito de *koinonia*, seguindo o padrão do NT. Afinal, Cristo Se dedicou a formar uma comunidade, e o próprio cristianismo, longe de ser apenas uma fé intelectual e restrita, é uma experiência vivida na coletividade. Por isso, a formação de pequenos grupos familiares que enfatizam o apoio mútuo e o estudo relacional da Bíblia pode ser um atrativo para eles.

### O papel social da religião

Os não religiosos tendem a reconhecer o compromisso social da religião e simpatizar com as instituições religiosas que desempenham um importante papel na sociedade. Refletindo a tendência pós-moderna de intenso interesse na “vida com propósito”, eles querem que sua vida tenha um senso de missão.<sup>15</sup>

Além disso, James Emery White, especialista em pessoas sem filiação religiosa, diz que elas simpatizam com ações que beneficiem a sociedade e os direitos das minorias e são inclinadas a se envolver em projetos dessa natureza, mesmo que sejam promovidos por instituições cristãs. Ele observa que elas estão dispostas a se envolver em “uma causa” que lhes dê senso de propósito e tenha um impacto social valioso.<sup>16</sup> O autor também ressalta que a

metodologia evangelística para alcançar a mente secularizada tem, nas últimas décadas, seguido este padrão:<sup>17</sup>

|  |
|--|
| <b>Décadas de 1950 a 1980</b>              |
| Sem igreja → Cristo → Comunidade → Causa   |
| <b>Décadas de 1990 a 2000</b>              |
| Sem igreja → Comunidade → Cristo → Causa   |
| <b>De 2010 em diante</b>                   |
| Sem religião → Causa → Comunidade → Cristo |

O aspecto social do evangelho segue o exemplo de Cristo e se trata de um princípio missiológico útil, pois ganha a confiança e o envolvimento dos sem religião, gerando a oportunidade de formar uma comunidade relacional e ministrar instrução bíblica.

### Barreiras transculturais

Trabalhar com os não religiosos é uma missão transcultural, devido à diferença entre a cosmovisão do grupo e a cosmovisão bíblico-cristã. Assim, é necessário utilizar sabiamente o princípio da contextualização. Defendendo o fato de que a Bíblia é de natureza missionária – tanto no propósito de Deus quanto nos múltiplos contextos em que foi formada –, Christopher Wright aponta que a contextualização é uma qualidade intrínseca do texto bíblico.<sup>18</sup>

Como pode ser visto no discurso de Paulo no Areópago (At 17:15-34), a exposição do evangelho em um contexto transcultural precisa estar ligada a princípios que facilitem a comunicação. O objetivo é preservar o conteúdo bíblico, ao mesmo tempo em que o torne atraente e compreensível para os ouvintes.

No caso dos sem religião, os princípios essenciais da comunicação contextualizada incluem o uso de ilustrações que lhes são familiares, a exposição narrativa em que os temas aparecem ao longo das histórias em vez de serem apresentados de forma sistemática e cognitiva, um tom conciliador e a apresentação dos temas de maneira relacional e funcional.

## Pluralidade cultural e religiosa

A maior parte dos não religiosos mantém a crença religiosa, mas está constantemente em busca de novas formas de experiências espirituais. Portanto, é apropriado diversificar as abordagens a fim de alcançá-los. A diversidade cultural e religiosa e o pluralismo do grupo exigem que a missão para eles também seja multidimensional e pluriforme.

Em geral, isso envolve a educação de crianças, participação em causas humanitárias, estilo de vida saudável, pequenos grupos relacionais, grupos de apoio, ministérios leigos, evangelismo em redes sociais, gestão profissional de carreira e espiritualidade prática.<sup>19</sup>

## Comunicação de massa

Os não religiosos têm uma visão crítica da comunicação de massa religiosa. Por um lado, acreditam que as igrejas a utilizam a fim de competir por membros, buscar poder político e acumular riqueza para líderes religiosos. Por outro lado, muitos deles se beneficiam de produtos religiosos amplamente acessíveis pela mídia. Assim, é fundamental que os meios de comunicação sejam usados com muito critério.

Isso significa não usar a mídia para fins político-eleitorais ou outras atividades que envolvam ganho pessoal para líderes religiosos. Outro ponto importante é usar as mídias de forma equilibrada para tratar de assuntos políticos ou comerciais, como a venda de produtos ou campanhas de arrecadação de fundos. No Brasil, a maioria dos jovens se opõe à ideia de um líder religioso concorrer a um cargo político, assim como políticos fazerem discursos em espaços religiosos.<sup>20</sup>

Além disso, é preciso adequar o uso dos meios de comunicação de massa para discutir temas bíblicos. Isso significa abordar assuntos diretamente atrativos para os não religiosos. Ellen White ressalta que os meios de comunicação de massa devem ser vistos como uma oportunidade e ser usados para levar o evangelho com

amplo alcance, pois a instrução bíblica, nesse contexto, produzirá raízes e preciosos frutos espirituais.<sup>21</sup> Os sem religião valorizam a liberdade de escolha, o espírito eclético e o acesso aos produtos religiosos da mídia de massa.<sup>22</sup>

Considerando que eles são solidários a iniciativas de entidades religiosas que promovam o bem-estar social, os meios de comunicação de massa podem ser utilizados pelas instituições religiosas para promover e discutir causas humanitárias, serviço ao próximo, cuidado familiar e questões ambientais.<sup>23</sup>

## Conclusão

Os *insights* e princípios missiológicos apresentados para abordar os sem religião facilitarão a aproximação com as pessoas que se identificam com esse grupo. Este artigo, mais do que trazer informação, aponta para a responsabilidade e o privilégio que os adventistas têm diante dessa onda de mudança cultural, a fim de explorar as oportunidades mais significativas para alcançar os não religiosos para Cristo. **M**

## Referências

- <sup>1</sup> José de Jesús Legorreta Zepeda, "Secularização ou Ressacralização? O Debate Sociológico Contemporâneo Sobre a Teoria da Secularização", *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 25, n. 73, junho de 2010, p. 130.
- <sup>2</sup> Ver Antônio Flávio Pierucci e Reginaldo Prandi, *A Realidade Social das Religiões no Brasil* (São Paulo: Editora Hucitec, 1996); Alberto Antoniazzi, "As Religiões no Brasil Segundo o Censo de 2000", *REVER*, n. 2, 2003, p. 75-80.
- <sup>3</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, *Censo Demográfico 2010*: "Características Gerais da População, Religião". Disponível em <link.cpb.com.br/c1e63a>, acesso em 19/9/2022; Instituto Datafolha, "Perfil e Opinião dos Evangélicos no Brasil". Disponível em <link.cpb.com.br/b982cc>, acesso em 20/9/2022.
- <sup>4</sup> José Alves Vieira, "Os Sem Religião: Dados para Estimular a Reflexão Sobre o Fenômeno", *Horizonte* 13, n. 37, janeiro/março de 2015, p. 606.
- <sup>5</sup> Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees, Philippe Waniez, e Violette Brustlein, *Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sociais no Brasil* (Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2003), p. 115, 116.
- <sup>6</sup> Por exemplo, Mt 14:2; Mc 4:14; Rm 7:5; 1Co 12:6, 10, 11; 16:9; 2Co 1:6; 4:12; Gl 2:8; 3:5; 5:6; Ef 1:11, 19, 20; 2:2; 3:7, 20; 4:16; Fp 2:13; 3:21; Cl 1:21; 2:12; 2Ts 2:7, 9, 11;

Fm 1:6; Hb 4:12; Tg 5:16. Ver Christian A. Schwarz, *God's Energy: Reclaiming a New Testament Reality* (Emmelsbüll, Alemanha: NCD Media, 2020), p. 29-65.

<sup>7</sup> Schwarz, *God's Energy*, p. 30.

<sup>8</sup> Kleber de Oliveira Gonçalves, "Witnessing to Christ in a Secular, Post-Christian, Postmodern Context", em *Revisiting Postmodernism: An Old Debate on a New Era*, Bruce L. Bauer e Kleber de Oliveira Gonçalves (eds.) (Benton Harbor, MI: Patterson, 2012), p. 135-138.

<sup>9</sup> Jon Paulien, "The Post-Modern Acts of God". Disponível em <link.cpb.com.br/2635e5>, acesso em 20/9/2022.

<sup>10</sup> John G. Stackhouse Jr., "Postmodern Evangelism: Sharing the Gospel as a Nonviolent Metanarrative", em *Revisiting Postmodernism: An Old Debate on a New Era*, Bruce Bauer e Kleber de Oliveira Gonçalves (eds.) (Benton Harbor, MI: Patterson, 2013), p. 37.

<sup>11</sup> Charles Taylor, *A Secular Age* (Cambridge, MA: Belknap Press, 2007), p. 512-531, 538.

<sup>12</sup> Gottfried Oosterwal, "The Process of Secularization", em *Meeting the Secular Mind: Some Adventist Perspectives*, Humberto M. R. Rasi e Fritz Guy (eds.) (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1985), p. 60.

<sup>13</sup> Paulien, "The Post-Modern Acts of God", p. 4.

<sup>14</sup> Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 78.

<sup>15</sup> Paulien, "The Post-Modern Acts of God", p. 4.

<sup>16</sup> James Emery White, *The Rise of the Nones: Understanding and Reaching the Religiously Unaffiliated* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2014), p. 99-109.

<sup>17</sup> White, *Rise of the Nones*, p. 101.

<sup>18</sup> Christopher J. H. Wright, "Reading the Old Testament Missionally", em *Reading the Bible Missionally*, Michael W. Goheen (ed.) (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2016), p. 109, 110.

<sup>19</sup> White, *Rise of the Nones*, p. 155, 156.

<sup>20</sup> Fundação Perseu Abramo, "Percepções e Valores Políticos nas Periferias de São Paulo". Disponível em <link.cpb.com.br/6610a9>, acesso em 20/9/2022.

<sup>21</sup> Ellen G. White, *Profetas e Reis* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 41.

<sup>22</sup> Pew Research Center, "More See 'Too Much' Religious Talk by Politicians". Disponível em <link.cpb.com.br/6a447f>, acesso em 20/9/2022.

<sup>23</sup> Denise S. Rodrigues, "Religiosos sem Igreja: Um Mergulho na Categoria Censitária dos Sem Religião", *REVER*, dezembro de 2007, p. 51; White, *Rise of the Nones*, p. 143-148.

### JOLIVÊ CHAVES

diretor do Seminário de Teologia da Fadba, Cachoeira, BA



# QUEM ESCREVEU HEBREUS?

Evidências sólidas a favor da autoria paulina

Félix Cortez

**A**utoria do livro de Hebreus pode ser uma questão delicada. O Novo Testamento situa Hebreus entre as cartas de Paulo, mas o próprio livro não identifica o autor. A maioria dos estudiosos pensa que foi alguém próximo a ele, mas não o próprio Paulo.

Existem três posições acadêmicas sobre a autoria de Hebreus: (1) Paulo não poderia ter sido o autor; (2) não conhecemos o autor; e (3) embora não saibamos quem escreveu o livro, Paulo é provavelmente o autor. Este artigo apresenta evidências bíblicas e históricas para a segunda e terceira posições.

## Autoria não paulina

A maioria dos estudiosos acredita que o livro de Hebreus circulou por muito tempo de forma independente antes de ser parte do cânon do Novo Testamento (NT), e foi aceito “somente por meio da ficção” que Paulo o escreveu.<sup>1</sup> Há várias razões para essa hipótese. O anônimo do documento não parece acidental. A primeira frase de Hebreus (Hb 1:1-4), onde o apóstolo normalmente se identificaria, é bonita e equilibrada do ponto de vista de sua construção grega, indicando

que o autor gastou tempo e esforço consideráveis para escrevê-la. Certamente Paulo, se quisesse, poderia ter se identificado nela.

Em segundo lugar, no início, havia dúvidas sobre a autoria de Hebreus. Na primeira metade do 2º século, Marciano rejeitou o livro de Hebreus. Relata-se que Irineu, no fim do século, negou a autoria paulina. O Fragmento Muratoriano, uma lista de livros do NT provavelmente elaborada no fim do 2º século, não incluía Hebreus. Por volta do início do 3º século, Tertuliano atribuiu a autoria do livro a Barnabé. Nesse mesmo século, Gaio de Roma, Hipólito

e os arianos rejeitaram a autoria paulina de Hebreus. A percepção na antiguidade era de que as igrejas do Oriente aparentemente aceitavam a autoria paulina de Hebreus, posição rejeitada pelas igrejas do Ocidente.<sup>2</sup>

Em terceiro lugar, eruditos da igreja primitiva reconheciam diferenças de estilo entre as cartas de Paulo e Hebreus. Clemente de Alexandria, por volta do início do 3º século, sugeriu que Paulo havia escrito Hebreus originalmente em hebraico e Lucas o havia traduzido para o grego. Orígenes sugeriu que Paulo provavelmente fosse o autor das ideias, mas que outra pessoa as havia registrado e publicado. Só Deus, concluiu ele, sabia quem era o autor de fato.

Em quarto lugar, alguns argumentam que Paulo não poderia ser o autor porque o autor de Hebreus se incluiu entre aqueles a quem o evangelho havia sido confirmado, tendo ouvido daqueles que ouviram Jesus pessoalmente (Hb 2:3). Paulo, no entanto, argumentou em Gálatas que ele não havia recebido o evangelho de ninguém, mas diretamente do Senhor (Gl 1:11, 12).

E finalmente, há diferenças teológicas importantes entre as cartas de Paulo e o livro de Hebreus. Um exemplo é que nenhuma carta paulina se refere a Jesus como Sumo Sacerdote, uma ideia central para o argumento de Hebreus. Por essas razões, a maioria dos estudiosos rejeita a ideia de que Paulo seja o autor de Hebreus.<sup>3</sup>

## Autoria paulina

Esses argumentos, por mais convincentes que possam parecer, não são realmente fortes. Em primeiro lugar, Hebreus não identifica o autor, como é possível encontrar em outras cartas de Paulo, porque o livro provavelmente não seja uma carta. Hebreus se identifica como uma “palavra de exortação” (Hb 13:22), uma expressão que, tanto na sinagoga quanto na igreja, se referia a sermões.<sup>4</sup>

Hebreus é, provavelmente, uma homilia destinada a uma congregação específica à qual um pós-escrito foi acrescentado e, em

seguida, enviada como carta. O livro é anônimo para nós, mas não para o público original. O autor pede que orem por ele para que seja “restituído o mais depressa possível” (Hb 13:18, 19), o que indica que eles sabiam quem era seu remetente.

Além disso, Harold Attridge, mesmo rejeitando a autoria paulina por outras razões, identificou 33 paralelos entre o pós-escrito de Hebreus 13:20 a 25 e as cartas de Paulo, vários deles muito impressionantes.<sup>5</sup> Por exemplo, a expressão “Deus da paz” (v. 20) encontra-se em Romanos 15:33; 16:20; 2 Coríntios 13:11; Filipenses 4:9 e 1 Tessalonicenses 5:23, mas não aparece em nenhum outro pós-escrito epistolar do NT. A expressão “dentre os mortos” (*ek nekron*, v. 20) aparece 17 vezes nas cartas de Paulo, mas apenas duas vezes em outras epístolas do NT. Finalmente, o autor se refere a um Timóteo, que deve ter sido conhecido tanto pelo autor quanto pelo público (v. 23). O único Timóteo conhecido nas primeiras fontes cristãs foi o colaborador de Paulo. Assim, a menos que esse documento fosse uma falsificação, o público original não deveria ter nenhum problema em identificar o autor.

Em segundo lugar, embora algumas dúvidas sobre a autoria de Hebreus tenham começado cedo, as evidências da recepção autoritativa do livro e sua identificação com Paulo também são remotas. Começando pelos manuscritos mais antigos, Hebreus sempre aparece como parte da coleção paulina. De fato, entre seus primeiros manuscritos, apenas Romanos é melhor atestado do que Hebreus. Do mesmo modo, o livro carregava um título dos primeiros manuscritos existentes (“Aos Hebreus”) que é semelhante aos títulos das cartas de Paulo e diferente dos títulos das Epístolas Gerais.

Hebreus foi aceito como livro autoritativo muito cedo. Primeiro Clemente, a obra mais antiga existente da literatura cristã, composta por volta de 96 d.C., faz alusões a Hebreus (1Clem 36:1-5) e a outros escritos paulinos (1Clem 35:5, 6), embora, com

uma exceção, não identifique nenhum autor nessas referências.<sup>6</sup> Acredita-se que o Pastor de Hermas, produzido em Roma no 2º século, estava tentando responder a questões levantadas por Hebreus 6:4 a 8 e 10:26 a 31. A posição que reivindica uma rejeição total do livro no Ocidente é, na verdade, exagerada. No fim do 4º século, Ambrósio, Pelágio e Rufino, todos do Ocidente, atribuíram Hebreus a Paulo; dez outros escritores cristãos no Ocidente citaram ou fizeram alusões a Hebreus como livro autoritativo, mesmo sem mencionar autoria.<sup>7</sup>

Uma análise minuciosa mostra que a rejeição da autoria paulina de Hebreus é menos significativa do que muitas vezes retratada. Marcião, que rejeitou Hebreus, rejeitou o Deus do AT, assim como todas as Escrituras Hebraicas. Ele provavelmente preferiu o livro porque seu autor utilizou muitos textos do AT. Além disso, rechaçou a maior parte do NT. A opinião de que Irineu e Hipólito rejeitaram a autoria paulina de Hebreus veio de um comentário feito por Gobarus mais de 300 anos depois de seu tempo (cerca de 600 d.C.), de acordo com o relatório feito por Fócio em 800 d.C! O Fragmento Muratoriano não incluiu Hebreus entre as cartas de Paulo, mas não o rejeitou como fez com “A Epístola aos Laodicenses” e “A Epístola aos Alexandrinos”, que foram forjadas em nome do apóstolo. Tertuliano disse que Barnabé escreveu Hebreus, mas pensava que o autor estivesse comunicando as ideias de Paulo. Gaio de Roma rejeitava a autoria paulina de Hebreus, mas também achava que o evangelho de João e o livro do Apocalipse haviam sido escritos por Cerinto, o herege gnóstico. Os arianos, por sua vez, provavelmente negaram a autoria paulina de Hebreus por causa de sua alta cristologia.

Em terceiro lugar, questões de estilo e vocabulário não são confiáveis para determinar se Paulo escreveu Hebreus. Não temos um estilo claro para comparar com esse livro. Oito das cartas do apóstolo mencionam colaboradores.<sup>8</sup> Estes devem



ter tido pelo menos alguma influência no conteúdo e estilo de cada carta. Paulo também usou secretários (por exemplo, Rm 16:22), que provavelmente interferiram no estilo de suas cartas. Randolph Richards mostrou que os secretários muitas vezes atuavam como editores e, em casos raros, até mesmo como coautores.<sup>9</sup> Finalmente, o ideal retórico no mundo helenístico era *prosōpopoiia*, que significa “escrever em caráter”. Em outras palavras, esperava-se que os autores escrevessem em estilos diferentes conforme a situação exigisse.<sup>10</sup> Assim, seria razoável que nem todas as cartas de Paulo tivessem o mesmo estilo.

Em quarto lugar, o fato de o autor se incluir entre aqueles a quem o evangelho foi confirmado por ouvintes de Jesus (Hb 2:3) não desqualifica Paulo. O argumento da passagem não é que o autor e o público “receberam” (*parelabon*) o evangelho ou foram “ensinados” (*edidachthēn*) da parte dos apóstolos, mas que o evangelho foi “confirmado” (*ebebaiōthē*) pelos apóstolos – aqueles que ouviram Jesus. Paulo reconheceu que recebeu o evangelho por meio de revelação divina (Gl 1:11, 12) e 14 anos depois buscou a confirmação dos apóstolos sobre o evangelho que pregava (Gl 2:1, 2).

Em quinto lugar, apesar das diferentes ênfases teológicas entre Hebreus e as outras cartas de Paulo, não há contradição. De fato, alguma variação na ênfase teológica deve ser esperada. Afinal, as cartas foram escritas para tratar de preocupações específicas. Além disso, há semelhanças únicas entre Hebreus e outros escritos paulinos. Por exemplo, Hebreus 10:16 cita Jeremias 31:31 a 33, mas abrevia a sentença “com a casa de Israel e com a casa de Judá” para “com eles”. Romanos 11:27 tem a mesma sentença abreviada. A citação de Habacuque 2:4 em Hebreus 10:37 e 38 difere das palavras dos textos hebraico e grego (LXX), mas é semelhante à citação de Paulo de Habacuque 2:4 em Romanos 1:17. O autor fez um jogo de palavras com o significado duplo do termo *diathēkē*

(“testamento” e “aliança”) em Gálatas 3:15 a 18 da mesma forma que Hebreus 9:15 a 18 faz.

Finalmente, a crença de que Hebreus circulou de maneira independente por um longo tempo antes de ser incluído no cânon do NT e foi aceito “somente por meio da ficção” de que Paulo o escreveu é improvável por várias razões. Primeiro, não há evidência manuscrita de que Hebreus tenha circulado sozinho. Segundo, considerando que Hebreus não alega ter sido escrito por Paulo e é diferente em estilo e ênfase teológica de seus outros escritos, com qual argumento o livro deveria ter sido incluído na coleção de escritos do apóstolo? O próprio Paulo advertiu seus leitores contra o recebimento de cartas “que pareciam ser” dele, mas não eram (2Ts 2:1-3). Por isso ele assinava suas cartas. Hebreus e as outras 13 cartas de Paulo tinham pós-escritos que funcionavam como assinaturas (2Ts 3:17, 18).<sup>11</sup> Outro obstáculo para incluir Hebreus entre as epístolas paulinas é que o livro foi escrito para cristãos judeus. Paulo, no entanto, foi o apóstolo dos gentios (Gl 2:6-9; Ef. 3:1-10). Se, desde muito cedo, acreditava-se que o livro não foi escrito por Paulo, por que Hebreus não foi incluído entre as epístolas gerais, escritas por apóstolos enviados aos judeus (Gl 2:6-9)? Terceiro, a prática entre os escritores antigos era manter cópias das cartas que enviavam para outras pessoas.<sup>12</sup> Isso explicaria por que Hebreus faz parte da coleção de cartas de Paulo, que ele guardou para si, apesar de seu anonimato e outras diferenças em relação ao restante de seus escritos.

Em resumo, evidências bíblicas e históricas apoiam a ideia de que Paulo poderia ter escrito o livro de Hebreus. Assim, a posição que defende sua autoria é fundamentada em argumentos muito sólidos. **M**

## Referências

<sup>1</sup> Ver Charles P. Anderson, “The Epistle to the Hebrews and the Pauline Letter Collection” *Harvard Theological Review* 59 (1966), p. 429.

<sup>2</sup> Por exemplo, Eusébio, *Historia Ecclesiastica* 3.3 (The Nicene and Post-Nicene Fathers [NPNF], 1:134, 135); 6.20 (268); Augustine, *De peccatorum meritis et remissione* 1.50 (NPNF, 5:34); Jerome, *Epistulae* 129.3.

<sup>3</sup> Clare K. Rothschild, *Hebrews as Pseudepigraphon: The History and Significance of the Pauline Attribution of Hebrews* (Tübingen, Germany: Mohr Siebeck, 2009), p. 6.

<sup>4</sup> Atos 13:15; 1 Timóteo 4:13. Ver também 1 Macabeus 10:24, 46; 2 Macabeus 15:8-11.

<sup>5</sup> Harold W. Attridge, *Hebrews* (Filadélfia, PA: Fortress, 1981), p. 404, 405.

<sup>6</sup> Clemente faz alusão a Romanos, Gálatas Filipenses e Efésios, mas somente quando se refere a Coríntios, no final da carta, ele menciona Paulo como autor (1 Clemente 47). Ver Bruce M. Metzger, *The Canon of the New Testament: Its Origin, Development, and Significance* (Oxford, Reino Unido: Clarendon, 1987), p. 40-43.

<sup>7</sup> Primeiro Clemente, provavelmente Pastor de Hermas, Policarpo, Justino Mártir, Epifânio, Hilário de Poitiers, Vitorino, Lúclifer Calaritano, Faustino e Gregório de Elvira. Ver Rothschild, *Hebrews as a Pseudepigraphon*, p. 31; Attridge, *Hebrews*, p. 2. Para uma pesquisa abrangente sobre o testemunho dos pais da igreja a respeito da autoria paulina de Hebreus ver Otto Michel, *Der Brief e Die Hebräer* (Göttingen, Alemanha: Vandenhoeck & Ruprecht, 1966), p. 38, 39.

<sup>8</sup> 1 Coríntios, 2 Coríntios, Gálatas, Filipenses, Colossenses, 1 Tessalonicenses, 2 Tessalonicenses e Filemom. Ver E. Randolph Richards, *Paul and First-Century Letter Writing: Secretaries, Composition, and Collection* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2004), p. 141-155.

<sup>9</sup> Richards, *Paul and First-Century Letter Writing*, p. 33-36.

<sup>10</sup> Ver Luke Timothy Johnson, *The First and Second Letters to Timothy: A New Translation With Introduction and Commentary* (New Haven, CT: Yale University Press, 2001), p. 60.

<sup>11</sup> Para uma introdução sobre as diferentes maneiras pelas quais as cartas greco-romanas eram assinadas, ver Richards, *First-Century Letter Writing*, p. 171-175.

<sup>12</sup> Richards, p. 156-165; Rothschild, *Hebrews as Pseudepigraphon*, p. 148, 149. Por exemplo, a coleção de cartas de Cícero publicadas após sua morte foi produzida a partir de cópias do próprio Cícero mantidas por Tiro, seu secretário; ver Cícero, *Epistulae ad Atticum* 13.6.3.

*Nota:* Uma versão ampliada deste artigo foi publicada originalmente em <link.cpb.com.br/a85d7c>.

## FÉLIX CORTEZ

professor de Novo Testamento no Seminário Teológico da Universidade Andrews, Estados Unidos



# AUTORIDADE INQUESTIONÁVEL

A relação entre o princípio *Sola Scriptura* e os escritos de Ellen White

Gerhard Pfandl



**O**s adventistas do sétimo dia acreditam que Ellen White recebeu o dom de profecia (1Co 12:10), e que Deus a designou como uma mensageira especial para chamar atenção para as Escrituras Sagradas. “Desde os 17 anos, até morrer 70 anos depois, Deus lhe deu cerca de 2.000 visões e sonhos. As visões variavam em duração de menos de um minuto a quase quatro horas. Ela escreveu o conhecimento e os conselhos recebidos por meio dessas revelações a fim de compartilhá-los com outras pessoas.”<sup>1</sup>

Este artigo considera a relação entre os escritos de Ellen White e as Escrituras. Os pioneiros adventistas tiveram que lidar com essa questão logo após ela receber suas primeiras visões. Tiago White aceitou as revelações desde o início. A respeito da relação delas com a Bíblia, ele disse: “A Bíblia é uma revelação perfeita e completa. É nossa única regra de fé e prática. Mas isso não é motivo para que Deus não mostre o cumprimento passado, presente e futuro de Sua Palavra, nestes últimos dias, por sonhos e visões, de acordo com o testemunho de Pedro. As verdadeiras visões são dadas para nos conduzir a Deus e à Sua Palavra escrita; mas aquelas que são dadas como uma nova regra de fé e prática, separadas da Bíblia, não podem ser de Deus e devem ser rejeitadas.”<sup>2</sup>

Quando o argumento “a Bíblia, e a Bíblia somente” foi apresentado em oposição ao ministério de Ellen White, Urias Smith declarou: “Quando afirmamos crer na Bíblia, e na Bíblia somente, nos comprometemos a aceitar, inequívoca e plenamente, tudo o que a Bíblia ensina.”<sup>3</sup> Ele então citou Joel 2:28: “E acontecerá, depois disso, que derramarei o Meu Espírito sobre toda a humanidade.” Isso, disse Smith, começou a se cumprir no dia de Pentecostes. E seguindo o derramamento do Espírito, Joel predisse que “os filhos e as filhas” também profetizariam (v. 28), ao que Smith comentou: “O próximo anúncio após o fato de que o Espírito deveria ser dado é que o dom de profecia seria exercido. Uma vez que uma

parte da profecia foi cumprida, e Deus concedeu Seu Espírito ao Seu povo, é certo que a outra parte será cumprida, e profecias, sonhos e visões serão manifestados no meio dele; pois eles estão juntos, unidos e inseparáveis.”<sup>4</sup>

### Apocalipse 12:17

Em Apocalipse 12, João esboçou a história da igreja cristã desde o tempo de Jesus, o Filho no verso 5, até o tempo do fim, no versículo 17. O texto afirma que “o dragão ficou irado com a mulher e foi travar guerra com o restante da descendência dela, ou seja, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus”. De acordo com essa profecia, a igreja remanescente seria reconhecida por duas marcas específicas: (1) guardar os mandamentos de Deus; e (2) ter o testemunho de Jesus.

Quaisquer que sejam os mandamentos que queiramos incluir na primeira marca, certamente devemos incluir os Dez Mandamentos. Assim, o primeiro sinal de identificação da igreja remanescente é sua lealdade aos mandamentos de Deus – todos, incluindo o quarto, que se refere à observância do sábado. Em outras palavras, em Apocalipse 12:17, o Senhor diz: “No fim dos tempos terei uma igreja visível – a igreja remanescente – que será reconhecida pelo fato de guardar os mandamentos como lhes dei no princípio, incluindo o mandamento do sábado.” Na igreja apostólica isso não teria sido um sinal especial, porque todos guardavam o sábado. Contudo, atualmente, quando a maioria dos cristãos guarda o domingo, o sábado, de fato, tornou-se uma marca distintiva.

A segunda marca de identificação é “o testemunho de Jesus”. Mas o que significa essa frase? A expressão “testemunho de Jesus” (*marturia lesou*) ocorre seis vezes no livro do Apocalipse (1:2, 9; 12:17; 19:10 [duas vezes]; 20:4). Duas explicações gramaticalmente possíveis sobre seu significado foram apresentadas. A primeira considera *marturia lesou* como um genitivo objetivo

e a interpreta como o testemunho da humanidade a respeito de Cristo. A segunda toma *marturia lesou* como um genitivo subjetivo e entende o testemunho de Jesus como a autorrevelação Dele, Seu próprio testemunho.<sup>5</sup> Um estudo da palavra *marturia* na literatura joanina, na qual ocorre 21 vezes, indica que “testemunho de Jesus” é claramente um genitivo subjetivo – refere-se ao testemunho do próprio Jesus, não ao testemunho das pessoas sobre Ele.

Assim, quando afirmamos crer na Bíblia, e na Bíblia somente, devemos aceitar o que a Bíblia profetizou a respeito da igreja remanescente do tempo do fim. Urias Smith ilustrou isso com a seguinte parábola:

“Suponha que estejamos prestes a iniciar uma viagem. O dono do navio nos dá um livro de orientações, dizendo-nos que contém instruções suficientes para toda nossa jornada e, se as atendermos, chegaremos em segurança ao nosso destino. Partindo, abrimos o livro para conhecer seu conteúdo. Descobrimos que o autor apresenta princípios gerais para nos orientar e nos instrui, na medida do possível, abordando as várias contingências que podem surgir até o fim. Ele também nos diz que a última parte do trajeto será especialmente perigosa, pois as características da costa estão sempre mudando por causa da areia movediça e das tempestades. Contudo, ‘para essa parte da viagem’, diz ele, ‘eu providenciei um piloto que irá encontrá-los e dar a vocês as instruções que as circunstâncias e perigos possam exigir. Vocês devem prestar atenção nele’. Com essas indicações chegamos ao perigoso ponto especificado, e o piloto, conforme a promessa, aparece. Mas enquanto oferece seus serviços, alguns membros da tripulação se levantam contra ele. ‘Temos o livro de instruções original’, dizem, ‘e é o suficiente para nós. Nós nos apoiamos nisso, e somente nisso; não queremos nada de você!’ Afinal, quem deu atenção ao livro de instruções original? Aqueles que rejeitaram o piloto, ou aqueles que o receberam, conforme instruía o livro? Julgue você.”<sup>6</sup>

## O posicionamento de Ellen White

Ellen White estava bem ciente do princípio *sola Scriptura*. Seus escritos “contêm a frase ‘a Bíblia, e a Bíblia apenas’ quarenta e cinco vezes, e a ‘Bíblia, e a Bíblia somente’ quarenta e sete vezes”.<sup>7</sup> Por exemplo, “há necessidade de um retorno ao grande princípio protestante – a Bíblia, e apenas a Bíblia, como regra de fé e prática”.<sup>8</sup> Aconselhando os professores da Escola Sabatina, ela escreveu: “Não tornem secas e desanimadoras as lições da Escola Sabatina. Gravem nas mentes que a nossa regra de fé é a Bíblia, e a Bíblia somente, e não as palavras e os feitos humanos.”<sup>9</sup>

Embora Ellen White tivesse certeza de que Deus havia Se comunicado com ela em sonhos e visões, ela encorajou seus leitores

fechado das Escrituras, ao qual nenhum outro livro inspirado poderia ser acrescentado. Se, no próximo mês, os arqueólogos encontrassem o livro do profeta Natã (1Cr 29:29), seu livro não seria acrescentado ao cânon. Seria considerado um livro inspirado fora da Bíblia. O cânon bíblico é o padrão pelo qual todos os outros escritos inspirados devem ser avaliados.

Essa distinção entre a autoridade funcional dos escritos de Ellen White e a autoridade das Escrituras “nos ajuda a evitar tanto (1) a dicotomia artificial entre profetas canônicos e não canônicos, quanto (2) a falsa generalização de conceder status canônico a todos os verdadeiros profetas, incluindo Ellen White”.<sup>13</sup> Essa diferenciação também explicaria a relutância dela em

deve medir todas as coisas. É a diretriz suprema para todo cristão. Os escritos de Ellen White, por sua vez, são mensagens de Deus para Sua igreja remanescente. Seus escritos não são um padrão de doutrina novo ou adicional, mas uma ajuda para a igreja no tempo do fim. Portanto, eles têm um propósito específico: são “uma luz menor para guiar homens e mulheres à luz maior”,<sup>16</sup> que é a Bíblia. **IV**

## Referências

<sup>1</sup> Ellen G. White, “About the Author”, *Our Father Cares* (Silver Spring, MD: Ellen G. White Estate, 1991), p. 5.

<sup>2</sup> James White, “A Word to the Little Flock”, 30/5/1847, p. 13.

<sup>3</sup> Uriah Smith, “Do We Discard the Bible by Endorsing the Visions?” *The Advent Review and Sabbath Herald*, 13/1/1863, p. 52, 53.

<sup>4</sup> Smith, “Do We Discard the Bible by Endorsing the Visions?”

<sup>5</sup> James Moffat, “The Revelation of St. John the Divine”, W. R. Nicoll (ed.), *The Expositor's Greek Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1956), v. 5, p. 465.

<sup>6</sup> Smith, “Do We Discard the Bible by Endorsing the Visions?”, p. 52.

<sup>7</sup> Merlin Burt, *Ellen G. White and Sola Scriptura* (Louisville, KY: Office of the General Assembly PC, 2007), p. 6.

<sup>8</sup> Ellen G. White, *O Grande Conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 173.

<sup>9</sup> Ellen G. White, *Conselhos Sobre a Escola Sabatina* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 52.

<sup>10</sup> Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), v. 5, p. 584.

<sup>11</sup> Frank Hasel, “O Uso das Escrituras por Ellen G. White”, em *Quando Deus Fala*, Alberto R. Timm e Dwain N. Esmond (eds.) (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2017), p. 352.

<sup>12</sup> Alberto R. Timm, “The Authority of Ellen White's Writings”, em *Understanding Ellen White*, Merlin D. Burt (ed.) (Nampa, ID: Pacific Press, 2015), p. 56, 57.

<sup>13</sup> Timm, *Understanding Ellen White*, p. 57.

<sup>14</sup> Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), v. 3, p. 29.

<sup>15</sup> White, *Mensagens Escolhidas*, v. 3, p. 29.

<sup>16</sup> White, *Mensagens Escolhidas*, v. 3, p. 30.

Nota: Publicado originalmente em *Perspective Digest*, volume 27, número 3, 1/7/2022.

As Escrituras são a mensagem de Deus para todos os tempos, a todas as pessoas e em todos os lugares. Os escritos de Ellen White, por sua vez, são mensagens de Deus para Sua igreja remanescente.

a julgar seus escritos pelas Escrituras. Ela afirmou: “Se os *Testemunhos* não falarem de acordo com a Palavra de Deus, podem rejeitá-los. Cristo e Belial não se unem.”<sup>10</sup> Claramente, isso indicava que ela “valorizava a autoridade da Bíblia acima de qualquer outra, incluindo seu ministério profético”.<sup>11</sup>

Alberto Timm distingue entre autoridade autoral e autoridade funcional. Da perspectiva da autoria divina, ele não vê distinção entre os escritos bíblicos e os escritos de Ellen White, porque ambos foram inspirados pelo Espírito Santo, “mas a autoridade funcional dos escritos de Ellen White não é a mesma das Escrituras”.<sup>12</sup> A razão para isso é que os 66 livros do cânon bíblico foram reunidos sob a orientação do Espírito Santo. Com a adição do Apocalipse, esses livros tornaram-se o cânon

colocar seus escritos em destaque: “No trabalho público, não tornem proeminente nem cite o que a Irmã White tem escrito como autoridade para apoiar suas posições. Fazer isto não aumentará a fé nos testemunhos. Apresentem suas provas, claras e simples, da Palavra de Deus.”<sup>14</sup> Ela não queria que seus escritos tomassem o lugar da Bíblia, pois Deus “não deu alguma luz adicional para tomar o lugar de Sua Palavra”.<sup>15</sup>

O dom profético na vida e obra de Ellen White tem sido uma grande bênção na vida da Igreja Adventista. Os 70 anos de seu ministério mostraram que Deus a usou repetidamente para guiar a igreja em meio a muitos perigos e dificuldades.

As Escrituras são a mensagem de Deus para todos os tempos, a todas as pessoas e em todos os lugares. É a régua que

## GERHARD PFANDL

ex-diretor associado do Instituto de Pesquisa Bíblica da Igreja Adventista do Sétimo Dia



# ARMADILHAS DO PODER

Saulo Cruz

Reflexões sobre  
a experiência do  
rei-pastor Davi

O pastor, devido às suas funções em diferentes níveis, exerce um tipo de poder. As Escrituras apresentam personagens que poderiam ser considerados modelos de pastor. Entre eles, talvez Davi seja o que melhor reflita essa realidade. No entanto, apesar de ser um tipo de Jesus, o “Bom Pastor”, Davi empregou o poder para fins contrários aos

princípios divinos. Por isso, não pôde evitar as consequências de sua decisão. Este artigo analisa a relação do pastor com o poder e, para isso, analisa o caso de Davi como referência.

## O rei-pastor

Na Bíblia, provavelmente o nome de Davi seja mais recorrente do que o de Moisés. No aspecto histórico, ele é considerado um “personagem complexo”,<sup>1</sup> que poetas, literatos, historiadores, escultores e outros

tentaram representar. No entanto, a importância de Davi não consiste somente em seu papel como rei, mas também em sua atitude como pastor e sua relação com a genealogia do Messias.

Ao se referir a Davi, Asafe afirmou que Deus “o tirou do aprisco das ovelhas, do cuidado das ovelhas e suas crias, para ser o pastor de Jacó, Seu povo, e de Israel, Sua herança. E ele os apascentou segundo a integridade do seu coração e os dirigiu com sábias mãos” (Sl 78:70-72). De acordo com o texto, pode-se deduzir que Davi se destacava por sua capacidade como rei e sua atitude como pastor da nação de Israel.

O termo pastor (*ro'eh*) deriva do verbo hebraico *ra'ah*, que significa “pastar, apascentar, engordar, cuidar, governar, pastorear e transmitir conhecimento”.<sup>2</sup> No Antigo Oriente Médio, essa definição era aplicada ao rei, uma vez que sua função não era apenas governar, mas também cuidar do povo. Curiosamente, as Escrituras contêm muitas referências nas quais o Senhor é apresentado como Pastor.<sup>3</sup> Isso pressupõe que os monarcas de Seu povo deveriam agir como pastores também.

A Bíblia mostra que Deus é quem apascenta, pastoreia e governa Seu povo. Da mesma forma, na visão bíblica, o pastorado “envolve cuidado terno e supervisão cheia de atenção”.<sup>4</sup> Assim, nota-se que Davi cumpriu essas condições. Além disso, é considerado o protótipo do verdadeiro pastor: o Messias. A diferença é que Cristo restauraria o sentido pleno do pastorado davídico (Ez 37:22, 24). Em Seu reinado escatológico, Israel e Judá serão uma só nação. Será também um pastor divino que “regerá com cetro de ferro” (Ap 19:15). Como consequência, o “poder governamental exercido pelo Pastor será de um firme caráter”.<sup>5</sup>

Acredita-se que o pastor recebe um tipo de poder por parte de Deus; portanto, deve administrá-lo segundo o modelo bíblico. Davi se destacava em suas funções como rei e pastor. De fato, ele teria sido quem se “aproximou mais do ideal bíblico de pastor-monarca”.<sup>6</sup> Em alguns episódios, usou o “poder” para fins políticos, mas o fez como rei. Sua atitude para com o povo mostra um monarca disposto a se sacrificar para protegê-lo. Por isso, o Senhor Se referiu a ele como “um homem segundo o Seu coração” (1Sm 13:14). Essa descrição ainda é ideal para cada ministro e servo de Deus.

## Davi e o poder

Embora Davi tenha cumprido com sucesso sua função como rei, expandindo e fortalecendo o reino, sua atitude pastoral

em relação às pessoas sobre as quais tinha poder mostra qualidades empáticas. Em duas ocasiões poderia ter matado Saul; no entanto, não ousou estender a mão contra ele (1Sm 24:6; 26:23). Em outro momento, absteve-se de matar Nabal, graças à intervenção de Abigail (1Sm 25:32-34). Além disso, não respondeu às ofensas de Simei; mas o perdoou (2Sm 16; 19:23). Também agiu com pureza de coração em relação a Abner, Amasa, Absalão e Mefibosete, entre outras pessoas.

Durante os primeiros anos de seu reinado, Davi foi íntegro no exercício do poder. Ellen White afirmou que “até ali, poucos reis já haviam tido, como governantes, um registro como o de Davi. [...] Sua integridade tinha conquistado a confiança e lealdade da nação”.<sup>7</sup> O pastor deve empregar o poder recebido para o bem da comunidade. Se o utiliza para satisfazer interesses egoístas, pode correr o risco de se tornar temporariamente um agente do inimigo, à semelhança de Davi.

Além disso, Ellen White acrescentou que “o poder de Davi lhe havia sido dado por Deus, mas para ser exercido apenas de acordo com a lei divina. Assim, uma vez que ele ordenasse algo contrário à lei de Deus, obedecer seria pecado”.<sup>8</sup> Pode-se supor que tanto o pastor quanto a igreja deveriam discernir e obedecer ordens que estão em conformidade com os princípios bíblicos. Espera-se também que quem tem poder sobre o rebanho aja em harmonia com a mesma lei.

O pastor exerce um tipo de poder, independentemente da atividade que desenvolve. Sobre ele pesa uma delicada responsabilidade, especialmente sobre a maneira como usa esse poder. É possível encontrar casos em que o uso do poder desvirtua os verdadeiros propósitos. Isso pode ocorrer nas relações governante-nação, pastor-igreja, ancionato-membros, esposo-esposa, entre outras.

O poder tem sido motivo de sérias discussões e reflexões. Acredita-se que ele “se torna real na capacidade do ser

humano para atuar sobre outro ser humano ou para influenciar as ações de outro ser humano”.<sup>9</sup> Além disso, “pode ser abusivo ou destrutivo, inclusive violento, ou pode resultar em algo belo e doador de vida”.<sup>10</sup> É preciso admitir que o poder opera entre os seres humanos de maneira relacional, por isso, não se deve ignorar seus efeitos.

Nas relações humanas existem hierarquias necessárias, inclusive, nas comunidades eclesiais. Espera-se que cada pessoa que assume alguma responsabilidade ou tenha algum tipo de poder o exerça à semelhança do que fez o pastor Davi em relação a Israel. A Bíblia afirma que ele “julgava e fazia justiça a todo o seu povo” (2Sm 8:15). Ellen White via o exemplo do rei como algo a ser aplicado no contexto da igreja. Ela afirmou que “os mesmos princípios de piedade e justiça que deviam orientar os líderes entre o povo de Deus nos dias de Moisés e de Davi deviam ser igualmente seguidos pelos que receberam a missão de cuidar da recém-organizada igreja de Deus na dispensação cristã”.<sup>11</sup>

## Abuso de poder

Às vezes, podem ocorrer situações de abuso de poder nas comunidades eclesiais. De fato, “o poder religioso tem mais capacidade de corromper que o civil por sua estrutura firmemente hierarquizada”.<sup>12</sup> Além disso, é importante refletir sobre o fato de que “é uma constante histórica e universal que todo ser humano que alcança o topo e se mantém por muito tempo nele se mimetiza com o cargo e, finalmente, torna-se difícil separar a pessoa do cargo”.<sup>13</sup> O problema é que, embora seja de amplo conhecimento que “o poder é um potente corrosivo, [...] todas as pessoas são atraídas pelo poder”.<sup>14</sup>

Embora Davi exercesse o poder de maneira reverente e íntegra, teve um episódio em que cedeu ao seu egoísmo, em seu envolvimento com Bate-Seba (2Sm 11). Nesse relato é possível encontrar alguns elementos sobre como o poder funciona: força, segredo, sentença, perdão e ordem.<sup>15</sup>

Todas as pessoas que usufruem do poder correm o risco de ser tentadas a usá-lo para preservar seu status ou agir contra aqueles que se mostram como uma ameaça.

A força é coercitiva, não persuasiva. Quanto ao segredo, a forma como agem os que têm o poder, empregando informação “secreta”, gera desconfiança entre os subordinados. Por isso, esperam que os demais se calem. A sentença, por sua vez, julga as pessoas classificando-as entre boas e más. O perdão ou a graça é empregado para dar oportunidades ou não. Finalmente, a ordem “não admite contestação [...], não deve ser discutida, explicada ou posta em dúvida”.<sup>16</sup>

Davi empregou os elementos mencionados para consumir seus desejos. Em relação a Bate-Seba empregou a força. Quanto a Urias, fez uso desprezível do segredo. A sentença de morte que o soldado fiel carregou evidencia isso. O perdão próprio ou encobrimento do pecado, depois da morte de Urias, parecia se enquadrar perfeitamente em seus planos. Por outro lado, o perdão à cidade de Rabá não aconteceu. Finalmente, a ordem dada a Joabe a respeito de Urias completou seu crime. Ellen White afirmou que depois da morte do soldado heteu, “um relatório sobre a execução de sua ordem foi enviado a Davi, mas foi tão cuidadosamente elaborado que não comprometia nem Joabe nem o rei”.<sup>17</sup>

Não se pode ignorar que o uso inapropriado do poder provoca dano a si mesmo. É provável que, em algumas ocasiões, o pastor o use mal; mas, diante da presença do Invisível nada passa despercebido. Ellen White afirmou que “o poder exercido por todos os governantes da Terra é concedido pelo Céu. E o seu sucesso depende do uso que fizerem dessa concessão”.<sup>18</sup> Por inferência, esse conceito pode se aplicar adequadamente ao ministério pastoral.

Em outra ocasião, ela advertiu que “o cargo de uma pessoa não a faz um jota ou um til maior diante da vista de Deus; Ele valoriza unicamente o caráter. O poder

despótico que se desenvolveu, como se os cargos convertessem os homens em deuses, assusta-me. É uma maldição, não importa onde ou quem o use. Esse domínio abusivo exercido sobre a herança de Deus gerará uma aversão tão grande à jurisdição humana que produzirá um estado de insubordinação”.<sup>19</sup>

Ao observar o abuso do poder por parte dos pastores de Israel, o Senhor disse por intermédio do profeta Ezequiel: “Porei sobre elas um só pastor, e Ele as apascentará: o meu servo Davi. Ele as apascentará e será o seu pastor” (Ez 34:23). Embora o verso se refira a Jesus Cristo, de certa forma reconhece Davi como um líder ideal. Consequentemente, Deus espera que os pastores exerçam nobremente “o poder” em sua função ministerial.

O arrependimento sincero de Davi lhe conferiu maior consideração da parte de Deus. Desse ponto em diante, não se observam episódios em que ele tenha abusado do poder, mas relatos de empatia e profundo amor pelo seu povo. Os salmos são uma evidência de seu arrependimento e suas atitudes. Por essa razão, nenhuma decisão deveria ser tomada sem medir as consequências, tanto para quem a toma quanto para quem a sofre. Assim, situações lamentáveis para ambos poderiam ser evitadas.

## Conclusão

O poder opera nas relações pessoais em diferentes níveis ou hierarquias. Se for usado como Davi fazia antes de seu pecado, repercutirá positivamente em favor da igreja e de quem o exerce. Por outro lado, se for utilizado para fins egoístas, terá consequências lamentáveis para quem tem o poder, para aquele que é diretamente afetado e também para os que o rodeia.

Davi foi considerado um homem segundo o coração de Deus por causa de seu arrependimento e da forma como administrava a justiça. No entanto, não pôde evitar os efeitos negativos do mau uso do poder. Isso deveria ser um aviso para todo pastor

que é tentado a usá-lo para fins que não correspondem aos princípios bíblicos. **M**

## Referências

- <sup>1</sup> Steven L. McKenzie, *King David. A Biography* (Nova York: Oxford University Press, 2000), p. 2.
- <sup>2</sup> Luis Alonso Schökel, “Ra’ah”, em *Diccionario Bíblico Hebreo-Español* (Madri: Editorial Trota, 1999), p. 710. Ver Moisés Chávez, *Diccionario de Hebreo Bíblico* (El Paso, TX: Editorial Mundo Hispano, 1992), p. 584; Gerhard Kittel e Gerhard W. Bromiley, *Theological Dictionary of The New Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1968), v. 6, p. 487, 478.
- <sup>3</sup> Ao menos podem ser encontrados 62 textos nos quais Deus é apresentado como Pastor.
- <sup>4</sup> W. E. Vine, *Diccionario Expositivo de Palabras del Antigo y del Nuevo Testamento* (Nashville, TN: Editorial Caribe, 1999), p. 639.
- <sup>5</sup> Vine, *Diccionario Expositivo*, p. 761.
- <sup>6</sup> Walter Alaña, “El Ministerio Pastoral: Su Fundamento Bíblico”, em Walter Alaña e Benjamín Rojas (eds.), *Ministerio Pastoral y Educación Teológica: Una Perspectiva Adventista* (Ñaña, Lima: Editorial Unión, 2019), p. 52.
- <sup>7</sup> Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 638.
- <sup>8</sup> White, *Patriarcas e Profetas*, p. 638.
- <sup>9</sup> Rodney A. Werline, “Prayer, Politics, and Power in the Hebrew Bible”, em *Interpretation: A Journal of Bible and Theology* 68, n. 1, 2013, p. 6.
- <sup>10</sup> Werline, “Prayer, Politics, and Power”, p. 6.
- <sup>11</sup> Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 61.
- <sup>12</sup> Jg Valem, *Ley de Acton y Pitt: Teoría del Poder*. (Morrisville, NC: Editorial Lulu, 2011), p. 55.
- <sup>13</sup> Valem, *Ley de Acton y Pitt*, p. 39.
- <sup>14</sup> Valem, p. 282.
- <sup>15</sup> Canetti, *Masa y Poder* (Barcelona: Muchnik Editores, 1981), p. 352-373.
- <sup>16</sup> Canetti, *Masa y Poder*, p. 379.
- <sup>17</sup> White, *Patriarcas e Profetas*, p. 638.
- <sup>18</sup> Ellen G. White, *Profetas e Reis* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 292.
- <sup>19</sup> Ellen G. White, *El Ministerio de las Publicaciones* (Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1999), p. 141.

### SAULO CRUZ

professor da Faculdade de Teologia da Universidade Peruana União



A photograph of a smiling couple walking on a gravel path in a park. The woman is on the left, wearing a light pink t-shirt and blue jeans, with her hand on the man's chest. The man is on the right, wearing a light blue polo shirt and blue jeans, with his arm around the woman's shoulder. They are both looking at each other and smiling. The background is a lush green park with trees and a path.

# MOMENTO DE CELEBRAR

Wagner Aragão

Como estar preparado  
para chegar bem à  
aposentadoria



**D**epois de quase 30 anos servindo no ministério pastoral, compreendo que passei por algumas fases significativas. O primeiro ciclo em minha jornada foi o período de aspirante, uma fase repleta de expectativas e aprendizado. O ciclo seguinte foi o momento de encarar a realidade dos desafios que me cercavam como pastor, exigindo o desenvolvimento de minhas aptidões e maior disciplina em meu serviço ministerial. No terceiro ciclo pude amadurecer mais, a ponto de aprender que o ministério pastoral não depende de nossa própria força, mas se mantém quando decidimos unir nossa fraqueza com a onipotente graça de Deus, servindo Sua igreja e demonstrando amor à humanidade perdida. Hoje estou mais reflexivo e concentrado em concluir a missão, um momento que exige manter a motivação e o comprometimento, ainda que a intensidade do trabalho e os resultados tendam a diminuir. Falta pouco tempo para viver o novo ciclo: a jubilação pastoral.

Para algumas pessoas, a aposentadoria tem um significado positivo, como liberdade, quebra de rotina e tempo para descansar. Para outras, o significado é negativo, como inutilidade, nostalgia e envelhecimento. Blake Ashforth afirma que a aposentadoria é uma transição de papéis.<sup>1</sup> Existem dois tipos de transição, a *micro* e a *macro*. “A transição dos papéis se dá quando ocorre uma mudança entre dois papéis na mesma época (micro) ou em diferentes períodos na vida (macro).”<sup>2</sup> No caso da aposentadoria, há uma transição macro de papéis, ou seja, um novo momento com uma mudança de atitude e comportamento, que impacta a totalidade da vida.

Dessa maneira, a jubilação deve ser encarada como uma fase importante da experiência pastoral. Ao contrário de como podem pensar alguns, o momento da aposentadoria por tempo de serviço de um pastor não deve ser de melancolia,

preocupação ou ressentimentos, mas de celebração pela vitória alcançada no pastorado pelo poder de Deus.

### Jubilação na Bíblia

A Bíblia fala pouco a respeito do limite de tempo para o ministério. Em Números 4:3, 23 e 30, o Senhor deu orientações a Moisés acerca do período de serviço ativo de um levita, que devia começar aos 30 e se estender até os 50 anos de idade. Antes, porém, de iniciar suas atividades, ele deveria se submeter a um período de cinco anos de capacitação (Nm 8:23-26).<sup>3</sup>

Os levitas, então, começavam seu ministério bem jovens e com vigor suficiente para erguer e transportar os móveis do santuário, além de exercer outras atividades relacionadas com a adoração a Deus. Por determinação divina, quando atingiam a idade de 50 anos, eram liberados de seus deveres, em uma situação parecida com a aposentadoria. Entretanto, eles recebiam a oportunidade de se envolver voluntariamente em pequenos serviços realizados no tabernáculo. Cabe ressaltar ainda que essa suspensão do trabalho obrigatório não era arbitrária, contra a sua própria vontade.<sup>4</sup>

Assim, o objetivo dessa orientação não era retirar do serviço os levitas produtivos, mas reposicioná-los num momento de maior maturidade em que pudessem ajudar seus irmãos de ministério a cuidar do tabernáculo (Nm 8:26). A jubilação dos levitas não era somente uma ocasião para a transição de atividade, mas a oportunidade de celebrar a participação na obra de Deus com a vida e a continuidade do uso de seus dons.

### Jubilação nos escritos de Ellen White

Foi no fim do século 19, na Alemanha, que o chanceler Otto von Bismarck estabeleceu um sistema de aposentadoria pela primeira vez na história. Nos Estados Unidos, a ideia começou a ser aplicada em algumas indústrias na década de 1920.

Alguns anos antes, porém, Ellen White já havia apresentado vários conselhos a respeito de pastores e obreiros que estavam envelhecendo e ficando cansados de seus trabalhos. Em suas cartas ela reconheceu serem necessários o auxílio e a experiência de obreiros idosos, principalmente dos pioneiros do adventismo sabatista. O apoio e o testemunho deles deveriam ser valorizados pela igreja. No entanto, esses pastores não deveriam levar uma carga que somente os mais novos pudessem carregar.<sup>5</sup>

O Senhor ainda revelou a Ellen White que os pastores idosos teriam dificuldades para lidar com responsabilidades maiores, mas não estariam impossibilitados “de exercer uma influência superior à influência de homens que têm muito menos conhecimento da causa e muito menos experiência nas coisas divinas. [...] Seu mérito como conselheiros é da mais elevada ordem”.<sup>6</sup> Para ela, os ministros idosos deveriam receber um tratamento respeitoso e amável.<sup>7</sup> Com a autoridade que o Senhor lhe conferiu, censurou qualquer demonstração de desprezo dirigida aos experientes soldados de Cristo. Nada poderia justificar que fossem isolados ou discriminados por quem quer que fosse. “O Senhor não os põe à margem”, escreveu ela, “Ele dá graça especial e conhecimento”<sup>8</sup> a esses obreiros.

Além disso, ela sabia que o tempo da velhice é um momento delicado para a saúde dos pastores, por isso foi instruída a dar a seguinte advertência: “Não sejam imprudentes. Não trabalhem demais. Tirem tempo para repousar. Deus deseja que estejam em seu posto e lugar, fazendo sua parte para salvar homens e mulheres de serem arrastados para baixo, pela poderosa torrente do mal. *Ele deseja que utilizem a armadura até que lhes ordene tirá-la.* Não demorará para que recebam sua recompensa.”<sup>9</sup> Utilizar a armadura é aceitar viver no ciclo da jubilação, que não é um

tempo de inatividade ou inércia. A aposentadoria é o momento ideal para o pastor usar sua experiência com sabedoria e elegância. Nessa fase, a rotina vai mudar, mas a vocação ministerial permanecerá intacta.

Há comprovação científica de que, às vezes, as faculdades de julgamento, sabedoria, percepção e aconselhamento melhoram significativamente depois dos 60 anos. Zaria Gorvett afirma que “em várias habilidades vitais, as mentes mais velhas acabam sendo mais inteligentes”.<sup>10</sup> O pastor que encerra seu período de serviço regular nunca será impedido de continuar dando sua contribuição para o avanço da obra de Deus. Seus talentos não podem ser enterrados enquanto houver vigor físico e mental. As opções para se envolver em diversas atividades estão disponíveis como, por exemplo, liderar um projeto missionário, coordenar um programa de capacitação na igreja local, oferecer aconselhamento, organizar atividades sociais para obreiros jubilados, realizar semanas de reavivamento espiritual nas igrejas, encorajar pastores mais jovens, aprender a tocar um instrumento ou investir no crescimento acadêmico.

## Preparo para a jubilação

Conforme mencionei na introdução, ainda não alcancei a fase da jubilação, mas estou bem próximo dela. Enquanto caminho nessa direção, estabeleci cinco metas que podem me proporcionar bem-estar durante a aposentadoria.

**Preparar-se mental e espiritualmente.** É natural sentir receio do isolamento, uma situação que muitos pensam enfrentar durante a aposentadoria. Mas, como pastor, sei que Deus nunca me abandonará (Mt 28:20; Hb 13:5, 6), e que um relacionamento profundo com Ele servirá para nutrir meu coração e desenvolver uma mentalidade confiante em relação à expectativa de vida que terei após a jubilação.

**Estabelecer um plano de complementação financeira.** Decidi me organizar para saber com quais receitas poderei contar,

além de equilibrar o orçamento para poupar. Anoto periodicamente o quanto vou precisar juntar para ter uma vida tranquila no futuro. Pesquiso as melhores condições sobre planos de previdência privada e outros investimentos, escolhendo sempre a melhor alternativa, levando em conta inclusive as taxas cobradas, que podem levar a perdas na hora de retirar o dinheiro.

**Construir um ambiente familiar favorável.** Próximo à aposentadoria o relacionamento familiar sofrerá impacto, não muito por causa da jubilação em si, mas em razão da convergência de eventos. Por exemplo, a maioria das pessoas aposenta em uma idade que coincide com o momento em que há o maior índice de divórcio entre casais com mais de 50 anos.<sup>11</sup> Outra situação crítica são as mudanças desconfortáveis na rotina familiar ocasionadas pela presença do esposo aposentado por mais tempo em casa. Existem outros fatores, como relacionamento com os filhos, diminuição dos recursos financeiros e aposentadoria dos cônjuges em períodos diferentes. Portanto, por meio do culto familiar e do hábito de participar das refeições à mesa com a família, tenho mantido aberto um canal de diálogo construtivo, a fim de que meu relacionamento familiar não passe por turbulência no momento de minha jubilação.

**Escolher um local para viver com qualidade de vida.** É preciso considerar um lugar em que seja possível dispor de recursos que atendam às necessidades do idoso, como acessibilidade, sistema de saúde, alimentação saudável disponível, igreja próxima para frequentar e local apropriado para fazer atividade física em meio à natureza.

**Continuar servindo à causa de Deus.** Quando chegar a hora de aposentar não quero parecer um navio à deriva, sem objetivo. Agora que estou bem próximo de cruzar a linha de chegada, estou buscando fazer o meu melhor com todas as minhas forças (Ec 9:10). Mesmo depois da última volta para alcançar a jubilação, estarei totalmente engajado no propósito de continuar servindo à igreja do Senhor em

qualquer projeto ou serviço, na condição de voluntário aposentado. Dessa maneira, a aposentadoria não será monótona e sem propósito.

Não devemos pensar que o ciclo da jubilação trará insegurança, amargura e surpresas desagradáveis. Precisamos ter visão correta desse tempo que se aproxima para comemorar, na ocasião, os anos de serviço prestados como ministros do evangelho. Quando o dia da jubilação chegar para você, assim como vai chegar para mim, tenhamos um coração agradecido por tudo o que Deus nos deu durante o período ativo de nosso ministério. Vamos fazer desse dia um momento para celebrar! **M**

## Referências

- <sup>1</sup> Blake Ashforth, *Role Transitions in Organizational Life: An Identity Based Perspective* (Mahwah, NJ: Erlbaum, 2001), citado por Lucia H. F. P. França e Dulce H. P. Soares, “Preparação Para a Aposentadoria Como Parte da Educação ao Longo da Vida”. Disponível em <link.cpb.com.br/815bf2>, acesso em 8/9/2022.
- <sup>2</sup> Ashfort, citado em “Preparação Para a Aposentadoria Como Parte da Educação ao Longo da Vida”.
- <sup>3</sup> Bob Stallman, “Retirement from Regular Service (Numbers 8:23-26)”. Disponível em <link.cpb.com.br/71794b>, acesso em 5/10/2021.
- <sup>4</sup> Francis D. Nichol (ed.), *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012), v. 1, p. 926.
- <sup>5</sup> Ellen G. White, *The Retirement Years* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1990), p. 13.
- <sup>6</sup> White, *The Retirement Years*, p. 14.
- <sup>7</sup> Ellen G. White, Carta 111, 1904.
- <sup>8</sup> White, *The Retirement Years*, p. 14.
- <sup>9</sup> Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), v. 7, p. 233, itálico acrescentado.
- <sup>10</sup> Zaria Gorvett, “O Surpreendente Lado Bom de Envelhecer”. Disponível em <http://link.cpb.com.br/4947fb>, acesso em 5/10/2021.
- <sup>11</sup> Bruce Manners, “Questions for Pastors as They Prepare for Retirement”, *Ministry*, novembro de 2017, p. 23.

**WAGNER ARAGÃO**  
pastor em Brasília, DF



# SIGILO PASTORAL

**E**m tempos de *fake news*, privacidade e proteção de dados, não é fácil a vida de profissionais que têm o dever ético e profissional de manter sigilo sobre as confissões e informações recebidas. E os pastores estão entre esses profissionais. Como parte de sua atividade, eles eventualmente ouvem informações sigilosas de outras pessoas. Assim, desse ponto em diante, os pastores ficam “presos” a esses fatos que, por vezes, podem ser contrários à sua própria índole. Ao segredar uma informação, o aconselhado tem a garantia de que sua intimidade será protegida e preservada.

1

## O que diz a legislação?

Todas as constituições na América do Sul contêm esse tipo de regulamentação da privacidade. No Brasil, por exemplo, a Constituição Federal em seu artigo 5º, inciso X, diz que “são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito à indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação”.

É importante que os pastores entendam esse preceito. A percepção do instituto da dignidade da pessoa humana é diretamente relacionada à privacidade. Nessa linha de entendimento, J. M. Othon Sidou afirma: “O direito à intimidade é, pois, o direito à dignidade, desde que é aí que ele vai buscar todo o seu conteúdo digno.”\*

Essa linha de pensamento se reflete em todo o sistema jurídico dos países democráticos. Exemplos são os artigos 388 e 488 do Código de Processo Civil Brasileiro. Eles regulamentam o sistema de produção de provas em processo judicial. E aqui há algo diretamente relacionado ao ministério pastoral, pois os pastores não são obrigados a depor em juízo cível sobre fatos que devam guardar sigilo.

Esse preceito jurídico é tão forte que ultrapassa a esfera cível para levar a não obrigatoriedade de revelar informações obtidas sob proteção do sigilo profissional também à seara criminal. O exemplo mais uma vez vem do Brasil, mas encontra reflexos nos vários ordenamentos da América do Sul: é o artigo 154 do Código Penal Brasileiro, que tornou crime a conduta de “revelar a alguém, sem justa causa, segredo de que tem ciência em razão de função, ministério, ofício ou profissão, e cuja revelação possa produzir dano a outrem”. Os pastores precisam entender que não é apenas um direito, mas também um dever manter o sigilo profissional.

Para deixar ainda mais claro, os ministros religiosos têm garantida a proteção quanto às informações que recebem durante seu ministério. Qualquer que seja a denominação religiosa, a atribuição do líder espiritual é suportar os dramas sociais de seus seguidores, orientando os fiéis espiritualmente a resolver seus variados problemas.

2

## Ponto de exceção

No entanto, há uma exceção à proteção do sigilo profissional. E aqui é fundamental deixar uma orientação clara para os pastores. Se um ministro religioso obtém informação acerca de um crime de abuso sexual infantil, ele não poderá manter sigilo. Nesses casos, deverá buscar a orientação jurídica de um advogado a fim de receber instruções adequadas para lidar com esse problema. A Igreja Adventista do Sétimo Dia mantém um corpo de advogados disponível para apoiar e orientar cada pastor no exercício do seu ministério, quando houver alguma dúvida jurídica. Dessa maneira, os ministros adventistas têm segurança na manutenção do seu sigilo profissional, pois a imperiosidade de sua observância é condição para a manutenção das estruturas das instituições religiosas e sua função social e espiritual na Terra.

## Referência

\* Flávio Wender Meireles Paladino, “Guardar Segredo Ainda é Necessário?”. Disponível em <[link.cpb.com.br/fbbe9e](http://link.cpb.com.br/fbbe9e)>, acesso em 6/10/2022.

## TALES MOURA

advogado assistente da sede sul-americana da Igreja Adventista





# TEMPO DE CRISE

A liderança da igreja,  
a saúde mental e o  
mundo pós-pandemia

No início do mês de setembro, o mundo foi surpreendido com a notícia da morte da rainha Elizabeth II. Por mais de 70 anos, a monarca esteve à frente do Reino Unido, representando uma imagem sólida de estabilidade, força e resistência. Entretanto, conforme a Europa afunda em sua pior recessão desde a Segunda Guerra Mundial e seus habitantes se deparam com problemas estranhos à sua experiência recente como, por exemplo, cortes de energia, inflação e medo de apagões no inverno rigoroso que se aproxima, é compreensível que a morte da rainha seja entendida como mais um fator de apreensão quanto ao futuro.

Evidentemente, essa preocupação coletiva não é exclusiva do Reino Unido. Dia a dia tenho visto a mesma inquietação se espalhando entre as pessoas, especialmente em meu consultório. É possível dizer que o coração delas está na fase de negação de um luto sistêmico. Vivemos tempos sombrios de muita incerteza e privação. Há menos espaço para dormir e sonhar, menos paciência nos relacionamentos e menos intimidade nos casamentos. A vida piorou e falta a muita gente a resiliência necessária para enfrentar todas essas perdas sem adoecer. Para muitos, constatar que o padrão de vida caiu e talvez nunca mais volte ao patamar anterior à pandemia se tornou algo terrível, quase um pesadelo!

A sensação de pessimismo atual é ainda pior devido às altas expectativas que foram colocadas sobre as novas tecnologias digitais. Há pouco tempo, alguns pesquisadores e políticos acreditavam que estávamos evoluindo em direção a uma nova utopia digital. Protegidos pelas câmeras de segurança com reconhecimento facial, servidos pelos algoritmos de gamificação das redes sociais e das plataformas de *streaming*, maravilhados pela inviolabilidade do *blockchain* e guiados pelos tecnocratas e sua *bigdata*, a humanidade não podia dar errado. Mas, o que aconteceu?

Expectativas semelhantes foram nutridas durante a *Belle Époque*, período áureo do protagonismo da cultura europeia que se estendeu do fim do século 19 ao início do século 20, que possui muitas características interessantes em paralelo com a condição atual. O mundo vivia a chamada *Pax Britannica*, e a era vitoriana se destacava por seu otimismo. Era um tempo de industrialização, produção em larga escala de bens de consumo, transportes de massa, desenvolvimento da ciência e tecnologia e efervescência intelectual.

Simultaneamente, milhões viviam outra realidade nos chãos das fábricas e cortiços das grandes cidades, encolerizados por tamanha desigualdade social. Essa situação foi o estopim que levaria pouco tempo mais tarde à Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e à Revolução Russa (1917), e estaria relacionada com a pandemia da gripe espanhola (1918-1920).

Assim, no início do século 20, o mundo foi marcado por doenças e conflitos entre potências que lutavam pela hegemonia. Hoje seria diferente? Os seres humanos aprenderam a ser menos gananciosos? No cenário internacional, ainda vivemos os reflexos da pandemia de Covid-19, Estados Unidos e China se provocam perigosamente, a guerra entre Rússia e Ucrânia ameaça a Europa, o maior desastre climático em séculos está em desenvolvimento e a economia está à beira de um colapso. Vivemos em tempos angustiosos!

Como cristãos adventistas, vemos em tudo isso sinais do fim, que indicam a brevidade do retorno de Jesus. É nossa bendita esperança! Devíamos erguer os olhos para o Céu e bradar com alegria que é chegada a hora. Mas a igreja estaria imune a toda a angústia da experiência de ver o mundo ruir?

## Cristãos e saúde mental

Há poucas pesquisas avaliando a saúde mental de cristãos antes ou depois da pandemia. Um estudo publicado por pesquisadores brasileiros demonstrou que a

estariam sendo honestos sobre seu sofrimento psíquico ao responder as perguntas dessas pesquisas?


Um dado incômodo que parece contrariar essas observações foi encontrado em um grande estudo prospectivo britânico que analisou as mortes por suicídio na Irlanda do Norte entre os anos de 2001 e 2009.<sup>2</sup> As coortes de católicos e protestantes, após correção por classe social, gênero e idade, não apresentaram diferença estatisticamente significativa em suas taxas de suicídio quando comparadas ao grupo de controle sem afiliação

e individualizadas. Diante da falta de dados com níveis de evidência melhores, a experiência de quem lida com o problema dia a dia acaba sendo valorizada.

Assim, ainda que faltem dados precisos, as observações dos especialistas contribuem para provocar, refletir e polemizar. Por exemplo, Len Lantz, psiquiatra e autor cristão, estima que haja mais de 7 milhões de cristãos deprimidos nos Estados Unidos.<sup>3</sup> Uma opinião controversa, mas que faz sentido por ser baseada em centenas de pessoas que o procuraram em seu consultório e abriram o coração. Do ponto de vista acadêmico é incontestável que se trata de uma afirmação enviesada, sem confirmação estatística. Contudo, pode revelar uma face do problema que muitos negam ou ignoram. O autor não contesta o poder protetor da religiosidade, mas acrescenta que fatores biológicos e sociais, como por exemplo, o estigma dos transtornos psiquiátricos no meio evangélico, podem ser grandes pesos a desequilibrar a balança no sentido do sofrimento psíquico.

Em 2014, a LifeWay Research publicou uma pesquisa com pastores e membros de igrejas protestantes norte-americanas que parece convergir com o pensamento de Lantz. Segundo o instituto, 48% dos entrevistados concordavam com a visão de que apenas o estudo da Bíblia e a oração poderiam ajudar pessoas com sérios problemas de saúde mental.<sup>4</sup> Uma pesquisa mais recente da mesma empresa mostrou que 38% dos entrevistados achavam que os suicidas eram egoístas e 23% acreditavam que os suicidas mereciam ir para o inferno.<sup>5</sup> Não surpreende que muitas pessoas de fora da comunidade cristã tenham dificuldade de se sentirem acolhidas e compreendidas!

A pesquisa de 2014 ainda revelou que 23% dos pastores lutavam contra algum tipo de transtorno psíquico e 65% dos membros gostariam que o púlpito fosse mais vezes usado para tratar abertamente do tema, sem estigmas. Assim, embora o problema exista, também parece haver boa demanda por mudança.



Com tantas famílias doentes na igreja, pastores e líderes se transformam nas colunas emocionais que a sustentam.

religiosidade teria representado um importante papel protetor sobre o sofrimento psíquico durante o período de isolamento social. Assim, os cristãos teriam apresentado menores níveis de tristeza e preocupação do que pessoas sem religião.<sup>1</sup>

Essa observação é considerada consenso no meio acadêmico. Vários estudos ao redor do mundo apontam que a religiosidade protege a saúde mental, independentemente do transtorno pesquisado. Contudo, o que exatamente os pesquisadores querem dizer com a palavra religiosidade? Como medir isso nas pessoas? Não é fácil traduzir a expressão de maneira objetiva. Entretanto, na maior parte das vezes, o termo significa a frequência assídua aos cultos. Mas isso seria suficiente? Outra pergunta embaraçosa é: os cristãos

religiosa. Inclusive, foi possível constatar que os mais jovens apresentaram risco de suicídio maior em qualquer um dos três grupos. Evidentemente, o tumulto político e a elevada desigualdade social entre católicos e protestantes na Irlanda do Norte poderiam explicar esses resultados trágicos para o cristianismo. Contudo, isso é o bastante?

É muito difícil estudar de forma acadêmica o suicídio. A ciência apresenta-se com ferramentas muito limitadas para lidar com o problema, pois depende do método científico. É de sua natureza compreender fenômenos naturais por meio de experimentação. O suicídio, obviamente, não se encaixa nesse critério: é um evento que não pode ser repetido nem esmiuçado. Ocorre motivado por questões subjetivas

## Estratégias terapêuticas

Como psiquiatra envolvido ativamente no acompanhamento de cristãos, especialmente adventistas do sétimo dia, tenho percebido um aumento claro na procura por diagnóstico e tratamento de casos de depressão, ansiedade e bipolaridade em adultos e crianças, membros e pastores. É um problema sério que a igreja está enfrentando, assim com toda a sociedade.

Como adventistas, não acreditamos na dualidade corpo/espírito, mas na integralidade do ser humano. Portanto, o que comemos, como vivemos e nos movemos, tudo isso interfere não apenas em nossa saúde física, mas também na saúde mental e espiritual. Da mesma forma, aspectos espirituais interferem na saúde mental e são psicoprotetores. Orar, ler a Bíblia e viver na comunidade de fé são atividades que podem ser compreendidas como uma ampliação do conceito de religiosidade e que já foram comprovadas como benéficas.

Entretanto, diante do cenário geopolítico tumultuado em que vivemos, das experiências traumáticas da pandemia e do isolamento social, do caos financeiro, de nossa alimentação carregada de aditivos químicos, do uso desenfreado de defensivos agrícolas, da influência desconhecida dos transgênicos, do estilo de vida desequilibrado e estressante dos centros urbanos, das horas maldormidas, da poluição, da contaminação dos microplásticos e ainda dos 6 mil anos de pecado, será que não temos motivos suficientes para encontrar nossa saúde mental enfraquecida e em risco?

Do mesmo modo que os antibióticos mudaram a expectativa de vida diante das infecções que dizimavam centenas de milhares de pessoas por ano, que anti-hipertensivos e hipoglicemiantes orais permitiram o controle de quadros crônicos e preveniram complicações incapacitantes de milhões, os antidepressivos e estabilizadores do humor não teriam seu lugar na prevenção de suicídios e na promoção da qualidade de vida?

É preciso entender que uma pessoa deprimida tem muita dificuldade para mudar hábitos. O transtorno afeta, entre outras funções psíquicas, a vontade. Tenho atendido muitos adventistas, inclusive líderes, que afirmam não se interessar mais em ler a Bíblia, orar, muito menos ter energia para começar uma dieta saudável ou realizar atividades físicas. Imagine o sofrimento e a culpa que essas pessoas sentem quando alguém, muitas vezes bem intencionado, sugere essas mudanças como se fosse questão apenas de disciplina e força de vontade. Quantas iniciativas frustradas essas pessoas não colecionam? Quanta vergonha não sentem?

Então, o estabelecimento do tratamento farmacológico, associado à psicoterapia, transformam radicalmente sua rotina. Líderes que estavam questionando seu chamado voltam a ser ativos, motivados e inspiradores. Casais que estavam se afastando voltam a se entender. Funcionários garantem seu emprego.

É certo que drogas psicotrópicas e técnicas de psicoterapia não são panaceias milagrosas. Elas são úteis e indispensáveis nos momentos de crise: controlam sintomas, ajudam as pessoas a perceber que estão com problemas e sustentam o humor enquanto os estímulos ambientais negativos não são retirados. No entanto, promovem um desserviço quando estão isoladas e não são acompanhadas de reformas nos hábitos e ambiente. Sempre digo aos pacientes: “Aproveitem o bem-estar que a medicação e a terapia vão proporcionar e escolham fazer diferente!”

De modo específico, no contexto ministerial, é necessário aperfeiçoar as redes de apoio para as famílias pastorais, avaliar as atitudes em relação às cobranças e ao trabalho e investir em canais nos quais pastores e obreiros, seu cônjuge e filhos, possam ser transparentes sem medo de ser julgados ou censurados. Suporte psicoterápico sistêmico e preventivo semanal nos moldes do que hoje já fazem psiquiatras e psicólogos, grupos de apoio e estratégias de

mentoreamento conduzidas por pastores e obreiros mais experientes e comprovadamente empáticos também são algumas ideias que poderiam contribuir com a saúde mental da igreja. Lembre-se de que bons homens e mulheres de Deus também têm depressão e ficam ansiosos. A história de Elias mostra que mesmo depois da experiência impressionante no Carmelo, o profeta estava tão frustrado e esgotado emocionalmente que desejou a própria morte!

Ellen White escreveu: “O Senhor deseja que Seus filhos se aconselhem mutuamente e não que se movam independentemente.”<sup>6</sup> As pessoas estão sofrendo sozinhas e isso precisa mudar! Com tantas famílias doentes na igreja, pastores e líderes se transformam nas colunas emocionais que a sustentam. É necessário reforçar essas colunas para que a igreja permaneça firme nos tempos difíceis que teremos pela frente. **IV**

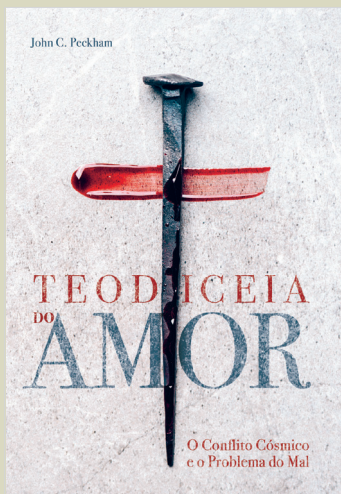
## Referências

- <sup>1</sup> Giancarlo Lucchetti e outros, “Spirituality, Religiosity and the Mental Health Consequences of Social Isolation During Covid-19 Pandemic”, *International Journal of Social Psychiatry*, v. 67, n. 6, 2021, p. 672-679.
- <sup>2</sup> Dermot O'Reilly e Michael Rosato, “Religion and the Risk of Suicide: Longitudinal Study of Over 1 Million People”, *The British Journal of Psychiatry*, v. 206, n. 6, 2015, p. 466-470.
- <sup>3</sup> Len Lantz, “Stigma and 7 million American Christians With Depression”, *The Psychiatry Resource*. Disponível em <link.cpb.com.br/0f382d>, acesso em 15/9/2022.
- <sup>4</sup> Robert Smietana, “Mental Illness Remains Taboo Topic for Many Pastors”, *Lifeway Research*. Disponível em <link.cpb.com.br/d40228>, acesso em 15/9/2022.
- <sup>5</sup> Marissa Postell, “Americans Believe Suicide Is Epidemic, Not Pathway to Hell”, *Lifeway Research*. Disponível em <link.cpb.com.br/00994e>, acesso em 15/9/2022.
- <sup>6</sup> Ellen G. White, *Testemunhas Para Ministros e Obreiros Evangélicos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008), p. 485.

### BRUNO BRUNELLI

médico de família  
especialista em psiquiatria,  
reside em Brasília, DF



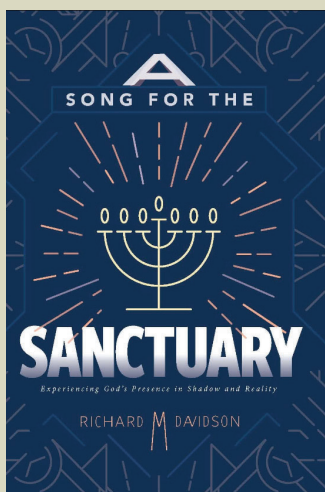


### Teodiceia do Amor

John C. Peckham, CPB, 2022, 240 p.

Se Deus é todo-poderoso, completamente bom e amoroso, por que há tanto mal e sofrimento no mundo? Essa pergunta tem atravessado os séculos e sido alvo de intensas discussões no campo da teologia e da filosofia. Várias explicações já foram dadas, mas a existência do mal e do sofrimento continua sendo um dos grandes desafios à fé cristã.

Com profundidade teológica e filosófica, *Teodiceia do Amor* procura preencher uma lacuna importante no debate a respeito do problema do mal, trazendo uma perspectiva arrojada que concilia os conceitos de soberania divina e liberdade humana. Com base em uma leitura canônica da Bíblia, John Peckham revela os intrigantes bastidores do conflito cósmico entre o bem e o mal e propõe uma abordagem construtiva que busca entender esse embate à luz do amor – o mais valioso de todos os bens.

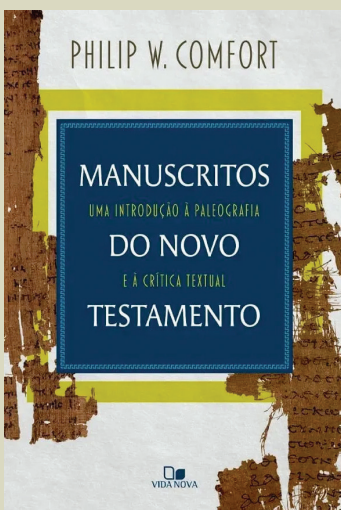


### A Song For The Sanctuary

Richard M. Davidson, Review and Herald Academic, 2022, 930 p.

Este livro é sobre o santuário na Bíblia. O leitor é convidado a uma jornada partindo dos santuários terrestres até o santuário celestial, a sala do trono do Universo, a morada do Todo-poderoso. No Salmo 27, Davi revela como a mensagem do santuário é o encapsulamento do que tem sido amplamente reconhecido como a “estrela tripla de valor” na experiência humana: beleza, verdade e bondade.

Assim, o Salmo 27 torna-se o elemento organizador para a jornada deste livro. A obra explora o “Betel (Casa de Deus) da Beleza” na tipologia de Levítico e Hebreus; o “Palácio de Louvor” na adoração do santuário dos Salmos; o “Templo da Verdade” nas profecias de Daniel e Apocalipse; a “Grande Casa da Bondade” nas boas-novas de salvação e julgamento centradas em Cristo; e a “Catedral da Comunhão” como o significado último do santuário. Experimente a presença pessoal e perpétua do Senhor no santuário. Encontre Deus Pai e o Espírito Santo; encontre Jesus, o Redentor, Mediador e Rei!



### Manuscritos do Novo Testamento

Philip W. Comfort, Vida Nova, 2022, 512 p.

Quais são os manuscritos mais importantes do Novo Testamento? Para responder a essa pergunta, é preciso recorrer à paleografia e à crítica textual. Em *Manuscritos do Novo Testamento*, esses dois recursos são utilizados para oferecer uma excelente introdução aos textos neotestamentários, oferecendo aos leitores uma visão da transmissão da Bíblia desde os primeiros séculos da era cristã.

Philip Comfort explora a participação do escriba na produção dos escritos mais antigos do Novo Testamento, apresenta uma lista anotada de todos os manuscritos gregos importantes e as versões mais antigas. O objetivo principal é ajudar estudantes de teologia e pregadores da Palavra a interagir com o texto do Novo Testamento, começando pelo conhecimento e trabalho com os próprios manuscritos e depois pelo conhecimento e trabalho com as ferramentas de crítica textual.



## “Estudo exegetico do significado do ‘manto tinto de sangue’ em Apocalipse 19:13”

João Luiz Marcon e Maicon Leon S. Lemos, *Teologia em Revista*, 2022, v. 3, ano 2, p. 6-32.  
(<https://salt.iap.org.br/wp-content/uploads/2022/04/Teologia-em-Revista-3o-Edicao.pdf>)

Entre as comunidades cristãs existem duas linhas teológicas que estudam os conceitos de soteriologia e o caráter do juízo divino em caminhos opostos: o “universalismo” e o “aniquilacionismo”. Uma vez que a justiça de Deus se tornou impopular em muitos púlpitos, o tema da justiça punitiva é pouco apresentado nos dias atuais. Acredita-se que esse tema contradiga o conceito do Cristo bondoso que se destaca no Novo Testamento. Para compreender as revelações de Deus quanto à justiça punitiva de Cristo, esse artigo analisou a expressão “manto tinto de sangue” em Apocalipse 19:13. O estudo concluiu que, nos eventos escatológicos, a expressão indica o sangue da destruição dos ímpios por intermédio do divino Cavaleiro guerreiro que mata a todos com a espada que sai de Sua boca. Essa imagem é tomada do Guerreiro divino que vem de Edom com as vestes manchadas do sangue dos seus adversários em Isaías 63:1 a 6 e do anjo que ceifa e pisa o lagar em Apocalipse 14:19 e 20.



## “Historia de dos ciudades: Roma y Babilonia en el Apocalipsis”

Hugo A. Cotro, *DavarLogos*, janeiro-junho, 2022, v. 21, n. 2, p. 37- 68.  
(<https://doi.org/10.56487/dl.v21i2.1036>)

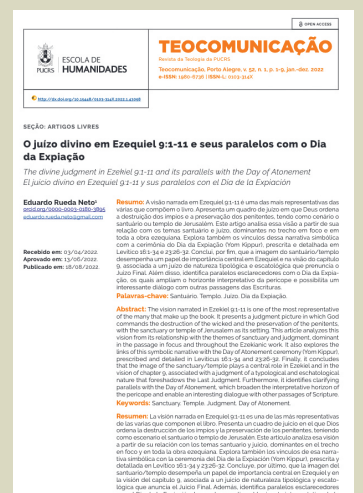
A abordagem preterista de interpretação profética consagrou o Império Romano no primeiro século como o elemento por trás da Babilônia espiritual dos capítulos 16 a 18 do Apocalipse. No entanto, uma releitura desse tema teológico a partir do próprio documento e à luz de certas considerações hermenêuticas, exegeticas e históricas demonstram uma referencialidade de natureza transtemporal, em harmonia com o caráter cronologicamente multivalente e historicamente contínuo da escatologia apocalíptica bíblica, em geral, e joanina, em particular. A apostasia recorrente do povo de Deus em momentos-chave da história surge de tal análise como o elemento representado pela grande cidade-prostituta do Apocalipse.



## “O juízo divino em Ezequiel 9:1-11 e seus paralelos com o Dia da Expição”

Eduardo Rueda Neto, *Teocomunicação*, janeiro-dezembro, 2022, v. 52, n. 1, p. 1-9.  
(<https://doi.org/10.15448/0103-314X.2022.1.43058>)

A visão narrada em Ezequiel 9:1 a 11 é uma das mais representativas das várias que compõem o livro. Apresenta um quadro de juízo em que Deus ordena a destruição dos ímpios e a preservação dos penitentes, tendo como cenário o santuário ou templo de Jerusalém. Esse artigo analisa essa visão a partir de sua relação com os temas santuário e juízo, dominantes no trecho em foco e em toda a obra ezequiana. Explora também os vínculos dessa narrativa simbólica com a cerimônia do Dia da Expição, prescrita e detalhada em Levítico 16:1 a 34 e 23:26 a 32. Conclui, por fim, que a imagem do santuário/templo desempenha um papel de importância central em Ezequiel e na visão do capítulo 9, associada a um juízo de natureza tipológica e escatológica que prenuncia o Juízo Final. Além disso, identifica paralelos esclarecedores com o Dia da Expição, os quais ampliam o horizonte interpretativo da perícopa e possibilitam um interessante diálogo com outras passagens das Escrituras.



# CANAIS DE ATENDIMENTO

**LIGUE GRÁTIS**  
0800-9790606

de telefone fixo ou celular

**WHATSAPP**   
15 98100-5073

Baixe o  
aplicativo  
CPB



[cpb.com.br](http://cpb.com.br)     /cpbeditora

## **AMAZONAS MANAUS**

SÃO GERALDO  
Av. Constantino Nery, 1212  
(92) 3304-8288  
(92) 98113-0576

## **BAHIA CACHOEIRA**

FADBA  
Rod. BR 101, km 197  
(75) 3425-8300  
(75) 99239-8765

## **BAHIA SALVADOR**

NAZARÉ  
Av. Joana Angélica, 1039  
(71) 3322-0543  
(71) 99407-0017

## **CEARÁ FORTALEZA**

CENTRO  
R. Barão do Rio Branco, 1564  
(85) 3252-5779  
(85) 99911-0304

## **DISTRITO FEDERAL BRASÍLIA**

ASA NORTE  
SCN | Qd. 1 | Bl. A  
Lojas 9, 17 e 23  
Ed. Number One  
(61) 3321-2021  
(61) 98235-0008

## **GOIÁS GOIÂNIA**

SETOR CENTRAL  
Av. Goiás, 766  
(62) 3229-3830  
(62) 98169-0002

## **MATO GROSSO DO SUL CAMPO GRANDE**

CENTRO  
R. Quinze de Novembro, 589  
(67) 3321-9463  
(67) 98129-0874

## **MINAS GERAIS BELO HORIZONTE**

CENTRO  
Rua dos Guajajaras, 860  
(31) 3309-0044  
(31) 99127-1392

## **PARÁ BELÉM**

MARCO  
Tv. Barão do Triunfo, 3588  
(91) 3353-6130  
(91) 98259-0002

## **PARANÁ CURITIBA**

CENTRO  
R. Visc. do Rio Branco, 1335  
Loja 1  
(41) 3323-9023  
(41) 99706-0009

## **PERNAMBUCO RECIFE**

SANTO AMARO  
R. Gervásio Pires, 631  
(81) 3031-9941  
(81) 99623-0043

## **RIO DE JANEIRO RIO DE JANEIRO**

TIJUCA  
R. Conde de Bonfim, 80  
Loja A  
(21) 3872-7375  
(21) 96554-0007

## **RIO GRANDE DO SUL PORTO ALEGRE**

CENTRO  
R. Coronel Vicente, 561  
(51) 3026-3538  
(51) 98163-0007

## **SÃO PAULO ENGENHEIRO COELHO**

UNASP/EC  
Estr. Mun. Pr. Walter Boger, S/N  
Faz. Lagoa Bonita  
(19) 3858-1398  
(19) 98165-0008

## **SÃO PAULO HORTOLÂNDIA**

PARQUE ORTOLÂNDIA  
R. Pr. Hugo Gegembauer, 656  
(19) 3503-1070  
(19) 98425-6666

## **SÃO PAULO SANTO ANDRÉ**

CENTRO  
Tv. Lourenço Rondinelli, 111  
(11) 4438-1818  
(11) 94825-0112

## **SÃO PAULO SÃO PAULO**

MOEMA  
Av. Juriti, 563  
(11) 5051-0010  
(11) 95282-4191

## **SÃO PAULO SÃO PAULO**

PRAÇA DA SÉ  
Praça da Sé, 28  
5º Andar  
(11) 3106-2659  
(11) 95975-0223

## **SÃO PAULO SÃO PAULO**

VILA MATILDE  
R. Gil de Oliveira, 153  
(11) 2289-2021  
(11) 95288-1009

## **SÃO PAULO TATUÍ**

LOJA DA FÁBRICA  
Rod. SP 127, km 106  
(15) 3205-8905

# ALFABETIZAÇÃO BÍBLICA

A geração Z está completando 25 anos em 2022. Isso significa que a maioria dos jovens estará deixando a universidade, entrando no mercado de trabalho e pensando em se casar, se já não fizeram isso. Essa independência também se aplica à decisão de ir ou não à igreja e se comprometer com as atividades congregacionais.

Infelizmente, grande parte da juventude tem deixado de congregar entre os 15 e 20 anos. Então, os jovens que permaneceram na igreja podem ser considerados sobreviventes. Eles passaram por uma fase turbulenta e decidiram continuar em sua comunidade de fé.

No entanto, o próximo passo não é tão simples. Durante grande parte de sua fase como estudantes, eles foram pouco mais do que espectadores. De fato, há uma clara ênfase na experiência do adorador, buscando uma experiência mais emocional (daí os elementos tomados de shows seculares), e substituindo o estudo mais objetivo da Bíblia.

Como resultado, os evangélicos gradualmente têm deixado de lado as Escrituras, por considerarem que não são uma base firme para a experiência religiosa. Segundo a pesquisa *The State of Theology*, publicada recentemente nos Estados Unidos, os norte-americanos estão rejeitando cada vez mais a origem divina e a acuracidade da Bíblia, distanciando-se da compreensão ortodoxa de Deus e Sua Palavra ano após ano. Mais da metade da amostra (53%) acredita que as Escrituras “não são literalmente verdadeiras”, contra 41% de quando a pesquisa bianual começou, em 2014.

Esse analfabetismo bíblico representa um tremendo desafio para as igrejas locais e seus

## Precisamos ajudar os jovens a aprender a desfrutar da leitura da Bíblia.

pastores, uma vez que qualquer outra coisa que tome o lugar da Bíblia na experiência cristã pode levar a juventude a se desviar do que Deus almeja para ela.

A grande questão, portanto, é como fazer para que esses jovens não só leiam a Bíblia, mas também fundamentem a vida, as decisões e os planos na segura Palavra de Deus. Responder profundamente a essa pergunta está além do espaço desta seção, mas deixe-me sugerir algo. Na maioria dos casos, nos aproximamos da Bíblia do ponto de vista do estudo. O foco está nos estudos temáticos, por seções, doutrinários ou da Lição da Escola Sabatina. Talvez seja necessário ajudar os jovens a aprender a desfrutar da leitura da Bíblia. Grandes sagas literárias populares demonstraram que, devidamente motivados, adolescentes e jovens podem ser grandes leitores!

Uma opção seria usar alguma edição literária das Escrituras, que permita aprofundar o conhecimento da Bíblia como uma narrativa contínua, eliminando as limitações criadas por subtítulos, capítulos e versículos. Esse formato permite ao leitor ter uma experiência única na leitura da Palavra. Ao remover os capítulos e versículos, essa edição permite que o leitor não só tenha uma leitura fluida e sem limitações, mas também perceba as grandes ideias por meio dos parágrafos naturais do texto.

Quando deixamos que o texto bíblico realize sua obra por intermédio do mesmo Espírito que a inspirou, vemos vidas transformadas, mesmo em meio a uma geração digital cercada por redes sociais e entretenimentos de todos os lados. **M**



**MARCOS BLANCO**  
editor da revista *Ministério*,  
edição em espanhol



É SUA ÚNICA CHANCE  
DE VIVER ESSE ENCONTRO

# ARAUTOS DO REI

## 20 Anos

11 DE DEZ, 16H  
SUMARÉ, SP

MAIS DE  
20 FORMAÇÕES  
NUM ÚNICO  
EVENTO!

**GARANTA SEU INGRESSO AQUI:**



APONTE A CÂMERA DO CELULAR AQUI

**OU**

ACESSE:  
[NOVOTEMPO.COM/ARAUTOS](http://NOVOTEMPO.COM/ARAUTOS)

